

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL E
DESENVOLVIMENTO LOCAL (POSMEX)**

NATALY DE QUEIROZ LIMA

**REDES SOCIAIS, JUVENTUDE RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
apropriações de propostas de comunicação para o desenvolvimento em redes
globalizadas pelos jovens do Cariri Cearense**

RECIFE

2011

NATALY DE QUEIROZ LIMA

**REDES SOCIAIS, JUVENTUDE RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
apropriações de propostas de comunicação para o desenvolvimento em redes
globalizadas pelos jovens do Cariri Cearense**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito parcial ao título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, sob a orientação da Professora Doutora Maria Salett Tauk Santos.

RECIFE
2011

NATALY DE QUEIROZ LIMA

**REDES SOCIAIS, JUVENTUDE RURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL:
apropriações de propostas de comunicação para o desenvolvimento em redes
globalizadas pelos jovens do Cariri Cearense**

Dissertação apresentada a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito parcial ao título de Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local.

Aprovada pela banca examinadora em ___/___/ 2011.

Profa. Dra. Maria Salett Tauk Santos
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Orientadora

Prof. Dr. Angelo Brás Callou
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador interno

Profa. Dra. Irenilda Lima
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinadora interna

Profa. Dra. Paula Reis Melo
Universidade Federal de Pernambuco
Examinadora externa

AGRADECIMENTOS

Ao final de dois anos de caminhada é difícil resumir em algumas linhas os agradecimentos a todos que colaboraram com a elaboração deste estudo e para as aprendizagens que foram possíveis pelo perfil multidisciplinar do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local e dos mestrandos que compuseram a turma 2009. Por isso, acredito ser interessante começar agradecendo aos meus colegas de classe, ávidos debatedores e fiéis companheiros, que colaboraram para a criação de um ambiente favorável às discussões e, portanto, ao pleno exercício do pensar: Alexandre Pires, Auta Laurentino, Bruna Galindo, Decilene Santos, Eliana Queiroz, Felipe, Iraê Mota, José Ribeiro, João, Juliana Andrade, Lauande Botelho, Maria do Carmo, Sabrina Soares e Yuri Vasconcelos.

Aos professores do mestrado com quem tive o prazer de vivenciar importantes momentos em sala de aula, Angelo Brás Callou, Irenilda Lima, Paulo de Jesus, Rosário Andrade, Graça de Athaíde, Heitor Rocha, os quais a partir de diferentes abordagens possibilitaram enriquecer meus conhecimentos enquanto pesquisadora. E tenho um agradecimento especial à minha professora e orientadora Maria Salett Tauk Santos, pela dedicação e pelo investimento de preciosas horas no meu aperfeiçoamento acadêmico e profissional, além do carinho e da compreensão na reta final deste trabalho.

A organização não governamental Fundação Casa Grande, nas pessoas de Alembert Quindins e Rosiane Limaverde, por ter colaborado com informações sobre o trabalho desenvolvido na organização e na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa.

Aos jovens entrevistados, pela sempre afetuosa receptividade e pelas valiosas informações que fizeram a riqueza desse trabalho e pelas lições de superação e cidadania que pude extrair dessa breve convivência.

Às minhas queridas amigas e pesquisadoras, Ana Maria da Conceição Veloso, Alana Moreira e Laís Ferreira, pelos estímulos, pela constante troca de conhecimentos e pelo apoio na leitura minuciosa de cada página a fim de auxiliar na reta final do acabamento desta dissertação.

Ao meu amado marido Daniel Lamir pela presença constante, pela compreensão das ausências que o trabalho de pesquisa impõe e pelo apoio em momentos difíceis, os quais foram decisivos para impulsionar e manter o ritmo das

leituras e análises, principalmente nos últimos meses do mestrado quando o labor se amplia. E, por fim, agradeço a Gabriel, minha grata surpresa, que renovou minhas esperanças e disposição para investir o máximo e o melhor de mim nas atividades a que me dedico.

Enfim, agradeço a todas e todos que conviveram comigo durante a elaboração dessa dissertação e que, com paciência, souberam apoiar e entender essa etapa da minha vida. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho busca analisar as apropriações das propostas da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa pelos jovens de Nova Olinda, no sertão do Cariri cearense. Especificamente, o que se quer compreender é como os jovens de contexto popular, que vivem em situação de pobreza, submetidos à condição contingente de acesso a bens materiais e à participação social em esferas rurais, se apropriam de uma proposta que defende o desenvolvimento local via estratégias de comunicação acordadas em uma rede social globalizada. Como referencial teórico-metodológico, esta pesquisa combina as teorias da escola latino-americana dos estudos culturais e dos estudos das redes sociais na sociedade da informação, via Manuel Castells, Leila Christina Dias, Schrer-Warren, Néstor García Canclini, Maria Salett Tauk Santos, Jesus Martin-Barbero, Renato Ortiz e Stuart Hall. Assim como nos estudos sobre novas configurações dos movimentos sociais pela ótica de Maria da Glória Gohn, Boaventura de Sousa Santos e Eduardo Vizer. As teorias sobre juventude rural estão sob os aportes de Elisa Guaraná de Castro, Maria José Carneiro e Maria de Nazareth Baudel Wanderley. Nos estudos sobre cultura e desenvolvimento local adotamos as perspectivas de Pedro Demo, Carlos Julio Jara, Maria Salett de Tauk Santos e Angelo Bras Callou. Todas as observações e informações necessárias para esta pesquisa foram realizadas por meio da combinação de técnicas de coleta de dados: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entrevista pessoal com uso do gravador, roteiro de entrevista semi-estruturada e observação de cunho etnográfico. Nesta perspectiva, a pesquisa demonstra que os jovens rurais estão inseridos nas dinâmicas globais das redes sociais. Estas, por sua vez, reconfiguram as interações sociais e as paisagens dos estudos sobre ruralidades e juventude. A pesquisa demonstra que as mediações tecnológicas nos contextos populares são importantes, mas ainda insuficientes para o estabelecimento e continuidade de ações de articulação internacional em prol do desenvolvimento local.

Palavras chaves: Redes sociais, Juventude rural, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Desenvolvimento local.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the proposed appropriations of the Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa by young people of Nova Olinda, Ceará. Specifically, the objective is to understand how these Young, who lives in poverty, subjected to the contingent condition of access to material and social participation in rural spheres, use a proposal that defend the local development via communication strategies on a global social network. As theoretical and methodological framework, this research combines theories of Latin American School of cultural studies and studies of social networks in the information society via Manuel Castells, Leila Christina Dias, Scherer-Warren, Néstor García Canclini, Maria Salett Tauk Santos, Jesús Martin-Barbero, Renato Ortiz and Stuart Hall. As in studies of new configurations of social movements through of the theories of Maria da Glória Gohn, Boaventura de Sousa de Santos and Eduardo Vizer. Theory of rural youth was approached through the conception of Elisa Guaraná de Castro, Maria José Carneiro and Maria de Nazareth Baudel Wanderley. In studies about culture and local development we adopted the prospects of Pedro Demo, Carlos Julio Jara, Maria Salett Tauk Santos and Angelo Brás Callou. Several techniques were used to collect data: documental research, bibliographical research, personal interview with recorder, semi-structured interview and ethnographic observation. In this perspective, the research shows that rural youth are built into the global dynamics of social networks. These, in turn, reshapes the social interactions and landscape studies of ruralities and youth. The study demonstrated that the technological mediations in such contexts are important, but still insufficient for the establishment and continuity of joint international actions in support of local development.

Keywords – Social networks, Rural youth, Information and communication technology, Local development.

“O problema da condição contemporânea de nossa civilização moderna é que ela parou de questionar-se. Não formular certas questões é extremamente perigoso, mais do que deixar de responder às questões que já figuram na agenda oficial; ao passo que responder o tipo errado de questões com freqüência ajuda a desviar os olhos das questões realmente importantes. O preço do silêncio é pago na dura moeda corrente do sofrimento humano. Fazer as perguntas certas constitui, afinal, toda a diferença entre sina e destino, entre andar à deriva e viajar. Questionar as premissas supostamente inquestionáveis do nosso modo de vida é provavelmente o serviço mais urgente que devemos prestar aos nossos companheiros humanos e a nós mesmos”.

Zygmunt Bauman

“O fato da Internet nos deixar menos distantes não significa que estejamos perto”.

J.A. - Jovem entrevistado

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: O PROBLEMA, SUA ORIGEM, IMPORTÂNCIA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – REDES SOCIAIS, JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO LOCAL	25
1.1. REDES: UMA CONVERSA INICIAL	27
1.2. SUJEITOS EM COLETIVOS: AS REDES SOCIAIS	29
1.3. REDES SOCIAIS E O ESPAÇO RURAL	37
1.4. O RURAL MULTICULTURAL NAS CONFLITUOSAS NEGOCIAÇÕES DA SOCIEDADE-MUNDO E EM BUSCA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL	41
CAPÍTULO 2 – NOVA OLINDA: CENÁRIOS E PROPOSTAS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE	48
2.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA: A CIDADE DE NOVA OLINDA	48
2.2. A FUNDAÇÃO CASA GRANDE	51
CAPÍTULO 3 – JUVENTUDE DE NOVA OLINDA: PERFIL, COTIDIANO E TRABALHO NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE	60
3.1. PERFIL DOS JOVENS ENTREVISTADOS	60
3.2. EDUCAÇÃO E ACESSO AO ENSINO POR PARTE DOS JOVENS EM NOVA OLINDA	62
3.3. O TRABALHO E AS ATIVIDADES REMUNERADAS DESENVOLVIDAS PELOS JOVENS: OPORTUNIDADES E CONFLITOS	65
3.4. O USO DO TEMPO LIVRE	69
CAPÍTULO 4 – JUVENTUDE DE NOVA OLINDA: AS APROPRIAÇÕES DAS PROPOSTAS DA REDE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COMUNICADORES DE LÍNGUA PORTUGUESA	74
4.1. A REDE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COMUNICADORES DE LÍNGUA PORTUGUESA	74

4.2. PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS DE NOVA OLINDA NA REDE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COMUNICADORES DE LÍNGUA PORTUGUESA E O PAPEL DAS MEDIAÇÕES TECNOLÓGICAS	76
4.3. AS APROPRIAÇÕES DA EXPERIÊNCIA COM O COLETIVO INTERNACIONAL POR PARTE DOS JOVENS	82
4.3.1. PRIMEIRA ESFERA DE APROPRIAÇÃO: PESSOAL	82
4.3.2. SEGUNDA ESFERA DE APROPRIAÇÃO: PROFISSIONAL	85
4.3.3. TERCEIRA ESFERA DE APROPRIAÇÃO: A COMUNITÁRIA	87
CONCLUSÕES	90
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICE	101
ANEXOS	107

INTRODUÇÃO – O PROBLEMA, SUA ORIGEM, IMPORTÂNCIA E O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

O objetivo principal deste estudo é analisar as apropriações das propostas da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa pelos jovens de Nova Olinda, no sertão do Cariri cearense. Especificamente, o que se quer compreender é como os jovens de contexto popular, que vivem em situação de pobreza, submetidos à condição contingente de acesso a bens materiais e à participação social em esferas rurais, se apropriam de uma proposta que defende o desenvolvimento local via estratégias de comunicação acordadas em uma rede social globalizada.

A Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa tem como objetivo promover intercâmbios e fortalecer experiências de comunicação para o desenvolvimento local coordenadas por jovens em Angola, Moçambique e Brasil. Neste último país, a iniciativa é liderada pela Fundação Casa Grande, organização não governamental localizada na cidade de Nova Olinda, no Ceará, onde crianças, adolescentes e jovens atuam como produtores de conteúdo e comunicadores comunitários na Rádio Casa Grande FM.

É válido esclarecer que a aproximação da pesquisadora com o lócus deste objeto de estudo se deu ainda no período de graduação, durante a elaboração da monografia de conclusão de curso de Jornalismo, em 2004, no qual analisamos a relação entre as atividades de comunicação desenvolvidas pelos jovens da Fundação Casa Grande e a participação política dos mesmos. Este conhecimento prévio acerca da realidade local se fez importante por propiciar mais dados para as observações de cunho etnográfico e para a análise dos processos que envolvem a juventude rural, as redes sociais, o uso das mediações tecnológicas e o desenvolvimento local.

Os jovens do município de Nova Olinda convivem num cenário de desigualdade de oportunidades de acesso a bens materiais, simbólicos e direitos universais como a educação e o direito à informação. O Censo Educacional 2009, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação aponta que, na localidade, existem 2.777 estudantes matriculados no

ensino fundamental. Número que cai para 697 no ensino médio¹. As dificuldades se ampliam para aqueles que pretendem cursar o ensino superior, pois precisam se deslocar para as cidades do Crato ou Juazeiro do Norte. Estes dados se refletem na alta taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos, 34,2%². Paralelamente, faltam políticas públicas de geração de emprego e renda, de cultura e de lazer. A maior parte das informações acessadas pela população local advém das parabólicas que transmitem conteúdos de realidades distintas, de outras regiões do país.

A realidade de necessidades imediatas da juventude rural em Nova Olinda é contrastada pela proposta da Fundação Casa Grande cuja intervenção pretende: “levar 'o mundo ao sertão'. Mas não qualquer mundo, e sim um mundo que proporcione as crianças e jovens o empoderamento da cultura e da cidadania”³. A organização não governamental mantém o que intitulam de “laboratórios de conteúdos”, o que corresponde a videoteca, biblioteca, gibiteca e outros acervos históricos disponíveis para consulta da população local e visitantes, e os “laboratórios de produções”, do qual fazem parte a produtora de TV 100 Canal, a Rádio Casa Grande FM, a editora Casa Grande e o teatro Violeta Arraes. Todos os laboratórios visam a complementação escolar, com formação interdisciplinar dos jovens para que produzam conteúdos para os veículos de comunicação e possam colaborar com a melhoria da qualidade de vida da população local.

Para fortalecer a iniciativa, os jovens da Fundação Casa Grande, desde 2000, têm participado de redes sociais internacionais. A primeira experiência foi com a Rede de Crianças e Jovens Comunicadores de Língua Portuguesa. Atualmente, eles já integram mais dois coletivos internacionais, um de turismo comunitário e outro de produtores musicais. De acordo com o jovem A.S.:

A Fundação Casa Grande é uma rua diferente. É o único espaço de lazer e de cultura que temos na cidade. As escolas visitam esse espaço, os moradores ouvem a rádio, outros jovens vêm para conhecer a videoteca. Por isso, a troca de conhecimentos com outras realidades é importante. Trazemos para a rádio músicas de outros países, levamos para a banda sons, batidas de outros países. Com isso, a população que frequenta a Fundação pode ter mais cultura e

1 Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemun=Nova%20Olinda&codmun=230920&tema=educa&desc=Ensino%20-el.&uf=ce&r=2#>, acessado em 03 de agosto de 2010, às 10h30.

2 Disponível em: <http://ide.mec.gov.br/2008/gerarTabela.php>, acessado em 03 de agosto de 2010, às 10h34.

3 Disponível em: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>, acessado em 24 de fevereiro de 2010, às 8h43.

saber que o mundo é grande. Maior do que a nossa cidade (A.S, 2010)⁴.

O depoimento do jovem e as condições sócio-econômicas de Nova Olinda apontam para o desafio de se perceber a complexidade das intervenções junto aos jovens rurais na sociedade da informação. De acordo com Castells (2009), este paradigma se difere das revoluções anteriores, colocando a informação em lugar preponderante. As novas tecnologias são pensadas para gerir fluxos comunicacionais, ampliá-los e difundi-los. A tecnologização da vida se apresenta como uma forma de sociabilidade, de participação e de inserção na vida social. Existir e estar incluído socialmente aparecem como sinônimos de acessar informações, que são produzidas em um ritmo intermitente; de produzir conteúdos, com a emergência de softwares livres que permitem editar gratuitamente blogs e do que alguns pesquisadores têm chamado de jornalismo cidadão, ou seja, os registros em câmeras de celular que são enviados para redações jornalísticas, entre outros; e a participação em redes sociais. Um movimento repleto de paradoxos, em especial para a juventude, como pontua Martin-Barbero:

Estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidade de alcançar a educação e a informação, porém muito menos acesso ao emprego e ao poder; dotada de maior aptidão para mudanças produtivas, mas que acaba sendo, no entanto, a mais excluída desse processo; com maior afluência ao consumo simbólico, mas com forte restrição ao consumo material; com grande senso de protagonismo e autodeterminação, enquanto a vida da maioria se desenvolve na precariedade e na desmobilização; e por fim, uma juventude mais objeto de políticas do que sujeito-ator de mudanças. (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 12)

Característica do atual paradigma de sociedade, as redes sociais - tecnológicas, virtuais, presenciais ou comunitárias - estão presentes no cotidiano de quase toda a população mundial, mas a dinâmica de negociação de sentidos e os usos de bens materiais e culturais são campos de disputa entre hegemonia e contra-hegemonia, resignificações e rejeições. Segundo Castells, a adaptabilidade das redes à dissolução dos antigos conceitos de tempo e espaço parece ser sua mola motriz:

A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação. (...)

4 Entrevista concedida por A.S. no dia 08 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Essa lógica de redes, contudo é necessária para estruturar o não estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não estruturado é força motriz da inovação na atividade humana (CASTELLS, 2009, p. 108).

O papel de destaque assumido pelas redes sociais e pela emergência de uma economia que tem na comunicação um dos seus principais pilares fazem com que alguns pesquisadores, como Giddens, questionem o termo “Sociedade da Informação”, ampliando-o para uma “Sociedade Comunicacional” (CARDOSO; ESPANHA; ARAÚJO, 2009). A Organização das Nações Unidas para Educação e Cultura (UNESCO) define como direito à comunicação: “um processo multidirecional, cujos participantes – individuais ou coletivos – mantêm um diálogo democrático e equilibrado”. Considerando as desiguais oportunidades de acesso à produção de conteúdos e a incompleta implementação do direito à comunicação existentes no Brasil e em diversas partes do mundo, em especial nos contextos populares, adotamos a perspectiva da Sociedade da Informação.

A organização em redes impacta no modelo de comunicação da sociedade em que se vive:

O modelo comunicacional gerado nas sociedades informacionais, onde o modelo de organização social prevaiente é o da articulação em rede, é a comunicação em rede. Um modelo comunicacional que não substitui os anteriores, antes os articula, produzindo novos formatos de comunicação e também permitindo novas formas de facilitação do *empowerment* e, conseqüentemente, de autonomia comunicativa. (CARDOSO; ESPANHA; ARAÚJO, 2009, p. 57)

Neste sentido, as redes se apresentam como potencializadoras, como formas de melhorar a comunicação, de possibilitar o empoderamento dos sujeitos e de ampliar o raio de intervenção criativa sobre o real. De acordo com Martin-Barbero, o mundo atual é constituído por “redes e fluxos”. Se por um lado, o fenômeno da aldeia global e sua permanente interconexão enfraquece as fronteiras nacionais, por outro promove pontos de contato e interações globais que, a sua vez, terminam por ativar capacidades locais.

O novo sentido que o local começa a ter nada tem de incompatível com o uso das tecnologias comunicacionais e das redes informáticas. Hoje essas redes não são unicamente o espaço no qual circulam o capital, as finanças, mas também “um lugar de encontro” de multidões de minorias e comunidades marginalizadas ou de coletividades de pesquisa e trabalho educativo ou artístico. Nas grandes cidades, o uso das redes eletrônicas tem permitido a criação de grupos que, virtuais em sua origem, acabam territorializando-se,

passando da conexão ao encontro e do encontro à ação (MARTIN-BARBERO, 2003, p.59).

As redes sociais, pelas suas capilaridades, acentuam os processos globalizadores, mas considerando os aportes de Boaventura de Sousa Santos, tais processos não são homogêneos ou isentos de conflitos. Cada sociedade se apropria, recria ou rejeita símbolos e bens hegemônicos, fazendo com que não exista uma única globalização e sim, globalizações (SANTOS, 2003).

Em uma sociedade cada vez mais interconectada, o local funciona como “caixa de ressonância” do global. É o que Canclini (1999, p. 11) chama de “reordenamento das diferenças e desigualdades” sem sua supressão. Trata-se de apropriações e usos de ferramentas globais, as quais podem ser refuncionalizadas para atender a uma demanda local ou utilizadas em uma lógica identitária própria. Isto pode ser evidenciado no uso das TICs no meio rural, na produção artesanal ou mesmo em manifestações culturais como a dança Brasília, que combina elementos das diferentes matizes da cultura brasileira, e o *mangue beat*, que une o rock às batidas do coco e de outros ritmos populares.

Tauk Santos (1998) destaca a relevância dos processos de refuncionalização da cultura e das discussões globais nos processos locais. “A *glocalização* engendra não apenas novas formas de sociabilidade, como suscita a necessidade de novas formas de lutas, capazes de enfrentar um dos efeitos de que a globalização parece ser indutora: a exclusão social”. (TAUK SANTOS, 1998, p. 29)

Nesta conjuntura, a inserção em redes, associada ao acesso às tecnologias de informação e comunicação, está posta como ação sinônima de exercício da cidadania. Inclusive, legitimada por Estados que desenvolvem leis e programas governamentais de incentivo à inclusão social via inclusão digital, principalmente focado na juventude. O direcionamento, condizente com a conjuntura, reafirma que estar no mundo da informação é participar de redes de relacionamento virtuais, é saber manusear instrumentos e tecnologias sem as quais a própria materialidade do cotidiano parece não fazer sentido.

Mas, na modernidade tardia em que vive grande parte da população mundial, isto pode se apresentar como uma contradição. Isso porque parece ter sido alterada a configuração das demandas reais e básicas inclusive para aqueles cidadãos e cidadãs que ainda não têm assegurados direitos humanos básicos, como a

universalização do ensino e da saúde, além de água potável e segurança alimentar. “Nas últimas décadas, o centro das discussões é o uso do computador como instrumento essencial da economia e, principalmente, da comunicação” (TAUK SANTOS, 2009, p. 54).

Isso se apresenta como um desafio para a juventude rural. Submetidos a toda sorte de contingências e desigualdades no campo do acesso e da produção cultural, os jovens se deparam com o antagonismo da invisibilidade social, das escassas políticas públicas e da inserção em redes com realidades diversas das suas.

Os espaços que historicamente a juventude ocupa na sociedade são constituídos de acordo com a classe social a que pertencem. Os jovens das classes alta e média têm como espaços definidos as escolas, no intuito de retardar sua entrada no mundo produtivo. Já o jovem das classes trabalhadoras oriundos do campo ou da cidade, devido à necessidade de ajudar financeiramente na renda familiar, entra de forma precoce no mundo do trabalho, sendo esse seu principal espaço de aprendizagem (SANTOS, 2009, P. 50).

São relativamente recentes as investigações sobre a juventude rural. Isto impacta, por exemplo, na variedade de conceitos sobre o perfil do jovem. Neste estudo, adotamos a definição da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) que compreende juventude rural, por um perfil territorial e geracional entre os 15 e 29 anos. (ABRAMOVAY, 1998, p. 37)

Dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), de 2008, apontam para grandes brechas de desigualdades de oportunidades entre jovens urbanos e rurais: 29,5% dos jovens pobres vivem em áreas rurais; o nível de escolaridade dos jovens rurais é 50% inferior aos urbanos; o índice de analfabetismo é de 9% para aqueles que vivem no campo e de 2% para os residentes em áreas urbanas.

“Campo” e “cidade” ainda que pareça cada vez mais difícil distinguirmos a fronteira entre essas duas realidades, existe uma distância que as demarca: as diferenças de acesso a bens e serviços. A reprodução da hierarquia rural/urbano sob construções estigmatizantes – onde morar no campo é desvalorizado culturalmente – é reforçado também no que tange as reais condições de vida. (CASTRO, 2008, p. 27)

Estes mesmos jovens rurais integram redes movimentalistas para fortalecerem suas pautas políticas e reivindicações, além de estarem conectados virtualmente em comunidades do Orkut, em conversações instantâneas de MSN e

Gtalk, entre outros. Os desejos de consumo também são similares aos dos jovens urbanos, assim como a adaptabilidade à convergência no uso das tecnologias. A dissolução das aparentes fronteiras entre o rural e o urbano não é um fenômeno recente, mas se complexificou com a tecnologização da vida social e as redes sociais.

Estudos desenvolvidos pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco demonstram que os jovens dos contextos populares vêem a inclusão digital como uma forma de inserção social, no mercado de trabalho, e as redes sociais engendradas pelas TICs, como canais de acesso a novas sociabilidades e a um novo paradigma de inclusão social. No entanto, entendem que as brechas sociais existentes tornam esse trajeto inclusivo menos linear e repleto de paradoxos. Em uma destas pesquisas, um jovem da comunidade do Pilar afirma que não basta fazer um curso de informática para se inserir no mercado de trabalho. (SILVA; FRAGOSO; TAUKE SANTOS, 2009, p.135) Como analisa Tauke Santos: “A inclusão social vai além das questões identitárias e das apropriações das tecnologias nas atividades laborais. Além do controle das esferas virtuais, é necessário garantir aos jovens de contextos populares, igualmente, o acesso ao controle das esferas reais” (TAUKE SANTOS, 2009, p. 34).

Os jovens de Nova Olinda convivem com essas mesmas demandas e contingências. Organizados em uma rede, que conta com o apoio de organismos de cooperação internacional, os jovens têm desenvolvido estratégias de comunicação para o desenvolvimento local através, principalmente, da Rádio Casa Grande FM. A atividade central é a produção de conteúdos radiofônicos educativos com intercâmbios ao vivo, nos quais entrevistas com pessoas de outras localidades e produções musicais de outros países, são apresentadas para os ouvintes. Como destaca Tauke Santos: “O rádio surge como veículo de grande mobilidade, pelo baixo custo e facilidade de operacionalização. É versátil pois se presta a convivência com velhas mídias como o telefone e com novas mídias, a exemplo da internet”. (TAUKE SANTOS, 2005, p. 10)

No entanto, localizados em uma cidade onde os resquícios da cultura patriarcal reveza no poder político o mesmo clã familiar há mais uma década, eles vivenciam a escassez de intervenções governamentais em prol do desenvolvimento

local e da ampliação de suas oportunidades de crescimento pessoal. Apesar de explorarem as possibilidades das convergências tecnológicas, de tentarem promover a mobilização social, via estratégias de comunicação para o desenvolvimento local e inclusão em redes sociais internacionais, os jovens ainda convivem com uma contrastante realidade de desfavorecimento em relação ao acesso à riqueza do mundo, como acesso a educação, à informação, ao lazer criativo, etc.

É nesse sentido que a pesquisa se volta à análise das apropriações que os jovens da Fundação Casa Grande fazem das propostas da Rede de Criança e Adolescentes de Língua Portuguesa a partir das seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Como a participação em uma rede global de comunicação para o desenvolvimento local se insere nas produções dos jovens na Rádio Casa Grande FM?
- 2) Como se dá a interação social desses jovens mediada pelas tecnologias e envolvendo jovens rurais de realidades distintas (Brasil, Moçambique e Angola)?
- 3) Se e de que maneira o trabalho de comunicação em rede destes jovens se articula com estratégias de comunicação para o desenvolvimento local?

O processo de investigação: as redes sociais como ponto de partida

A fundamentação teórica do presente estudo está focada nos estudos de recepção e nas interações mediáticas, a partir da perspectiva dos estudos culturais latino-americanos. A combinação se faz necessária para a apropriação da amplitude do tema das redes sociais, principalmente quando são globais e se utilizam das mediações tecnológicas para promover a integração de sujeitos de realidades distintas. Como destaca Tauk Santos: “a pesquisa de recepção não se limita a processos diretamente ligados às mídias. A recepção é entendida como um processo em que existe um contrato de comunicação proposto por organizações governamentais, não governamentais ou a mídia e uma determinada população”. (TAUK SANTOS, 2006, p. 110)

Nos anos de 1980, os estudos de recepção estavam centrados na análise do impacto dos produtos mediáticos nos receptores, na eficiência dos veículos de comunicação (canal) e das mensagens para convencer as audiências. Na década

seguinte, é ampliado o olhar sobre o receptor, o qual se desloca do histórico papel passivo e passa a ser considerado como sujeito ativo do processo de decodificação dos significados das informações veiculadas e das interações mediáticas. Orozco considera que na atualidade os estudos de recepção estão centrados no debate epistemológico, abrindo o leque de temas para compreender a diversidade e a complexidade da contemporaneidade:

Del mero interés por conocer lo que sucede frente a las pantallas o las gratificaciones individuales de los receptores, se ha pasado a una búsqueda por entender los usos sociales de la comunicación y la producción de sentido en general y de manera pormenorizada. La creación simbólica y la producción de sentido en general y de manera pormenorizada. La creación simbólica y la producción cultural en general y en especial la conformación de las culturas políticas de los receptores, han sido vetas de especial atención en los ER contemporáneos. Más recientemente se han empleado ER para conocer la conformación y la reconstitución de identidades de los sujetos receptores, dentro de un esfuerzo por explorar la constitución de la sociedad contemporánea y la creación cultural global y localizada. (GÓMEZ, 2002, p. 20)

Os estudos de recepção, como destaca Maria Immacolata Vassallo de Lopes, se constituem em uma perspectiva de investigação, articuladora do conjunto do processo da comunicação:

A recepção é, antes de mais nada, uma perspectiva de investigação e não uma área de pesquisa sobre mais um dos elementos que compõem o processo de comunicação, neste caso, o público. Não se trata de substituir a análise da “produção”, da “mensagem” ou do “canal” pela da “recepção”. Firmamos aqui uma perspectiva integradora e compreensiva do estudo da recepção, uma vez que todo o processo de comunicação é articulado a partir das mediações (LOPES, 1997, p. 152).

Gómez (2002) ainda destaca que destas preocupações se desdobram múltiplas mediações. Isto porque a construção do sentido de uma determinada mensagem depende de fatores diversos como a subjetividade, as crenças, as relações de classe, de gênero, entre outras. No paradigma da sociedade da informação, a diversidade de interações sociais mediatizadas por novas tecnologias de informação e comunicação requer uma aproximação do objeto de estudo. “São as circunstâncias do objeto que oferecem as pistas para que o pesquisador capte a mediação ‘por excelência’, isto é, aquela ou aquelas cuja interferência afeta de maneira singular o processo de comunicação. Nesta perspectiva, a mediação é algo construído em cada caso”. (TAUK SANTOS, 2006, p. 110)

Assim, esta pesquisa tem caráter qualitativo e analítico. Trata-se de um estudo de caso que incluiu técnicas combinadas de coleta de dados, análise documental, bibliográfica e observação de cunho etnográfico. Para tal se realizou pesquisa bibliográfica, análise documental dos projetos da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa e da Fundação Casa Grande, elaboração de roteiros de entrevista semi-estruturadas, transcrição das entrevistas e sistematização do material adquirido. A coleta de dados se deu em janeiro de 2010, tendo sido necessário um retorno ao lócus da investigação para complementação de informações em janeiro de 2011.

De acordo com Gil (2009), o estudo de caso tem como características essenciais: o fato de ser um delineamento da pesquisa e não um método de coleta de dados; a preservação do caráter unitário do fenômeno pesquisado; investiga um fenômeno contemporâneo; o contexto onde está inserido o fenômeno é considerado como fundamental; requer a utilização de múltiplos procedimentos de coleta de dados; e é um estudo em profundidade.

O que fica mais evidente é a natureza holística dos estudos de caso. Ou seja, a proposta de investigar o caso como um todo considerando a relação entre as partes que o compõem. O traço distintivo do estudo de caso é, portanto, a crença de que os sistemas humanos apresentam uma característica de totalidade e integridade e não constituem simplesmente uma vaga coleção de traços (GIL, 2009, p. 08)

Assim, os estudos de caso têm como particularidade a adoção de um fenômeno único ou particular, mas que permite revelar dados de uma realidade maior. Como aponta Guillermo Orozo Gómez:

Los estudios de caso son o se realizan con fines comparativos. El estudio de un caso trata de ser un estudio en profundidad: es el esfuerzo por tratar de integrar en un objeto de investigación toda la información constitutiva de ese objeto; y no sólo parte de la información, para tomarlo como ejemplo que puede contrastar, ser comparado o ser analizado para dar un conocimiento en profundidad de un objeto de estudio (GÓMEZ, 1997, p. 109).

Como produção de conhecimento em ciências sociais, e diante da complexidade do assunto referente às redes sociais e as formas de interação entre os jovens que as integram, o estudo adota uma perspectiva de combinação de métodos:

“La investigación multimetodológica en comunicación posee una experiencia interesante de producción y sistematización de conocimientos, permitiendo la convergencia de métodos, procedimientos y estrategias para la resolución de problemáticas comunicacionales” (MALDONADO, 2010, p. 32).

A revisão bibliográfica esteve focada nos temas das redes sociais, relações global-local, juventude rural e desenvolvimento local. Como destaca Umberto Eco: “Organizar uma bibliografia significa buscar aquilo cuja existência ainda se ignora” (1932, p.42). Por esse motivo, realizamos um amplo levantamento bibliográfico, visando a compreensão dos temas, suas interligações, as convergências e divergências teóricas dos diversos autores. Para tal, esta pesquisa combina as teorias da escola latino-americana dos estudos culturais e dos estudos das redes sociais na sociedade da informação, via Manuel Castells, Leila Christina Dias, Scherer-Warren, Néstor Garcia Canclini, Maria Salett Tauk Santos, Jesús Martín-Barbero, Renato Ortiz e Stuart Hall. Assim como nos estudos sobre novas configurações dos movimentos sociais pela ótica de Maria da Glória Gohn, Boaventura de Sousa Santos e Eduardo Vizer.

As teorias sobre juventude rural estão sob os aportes de Elisa Guaraná de Castro, Maria José Carneiro e Maria de Nazareth Baudel Wanderley. Nos estudos sobre cultura e desenvolvimento local adotamos as perspectivas de Pedro Demo, Carlos Julio Jara, Maria Salett de Tauk Santos, Angelo Brás Callou e Maria Vitória Gehlen.

Paralelamente, foi realizada análise documental do programa da Fundação Casa Grande e do projeto da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa. Utilizou-se dados oficiais advindo de pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais, do Ministério da Educação, entre outros. A análise documental permite uma maior aproximação da realidade investigada, bem como a validação das informações coletadas no processo das entrevistas. (GODOY, 1998)

Uma maior aproximação da realidade dos jovens rurais também foi possível através da realização de entrevistas semi-estruturadas. A entrevista qualitativa, com roteiro de entrevista semi-estruturado permite ao pesquisador a flexibilidade de ter um roteiro norteador e dialógico, assim como possibilita apreender a complexidade do cotidiano dos entrevistados:

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes, em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos. (GASKELL, 2004, p. 65)

A seleção dos jovens entrevistados foi intencional e atendeu a objetivos pré-estabelecidos: 1) participar ativamente das atividades da Rede de Crianças e Jovens Comunicadores de Língua Portuguesa; 2) ter entre 15 e 29 anos de idade; e 3) produzir conteúdos para a Rádio Casa Grande FM. Sendo assim, foram entrevistados seis jovens da Fundação Casa Grande. Para complementar o cenário do trabalho desenvolvido em rede, também se entrevistou o coordenador da Fundação Casa Grande. Vale ressaltar que depoimentos de pais dos jovens e outros sujeitos sociais da cidade também foram utilizados nas análises de conjuntura e para traçar o panorama onde vivem estes jovens. Estes aportes foram importantes por acrescentar dados e mesmo esclarecer fatos que não vieram à tona nas entrevistas, mas que compõem relevantes elementos do cenário sobre o qual nos debruçamos.

O primeiro roteiro de entrevista semi-estruturada foi direcionado aos jovens e se dividiu em quatro blocos. No primeiro, realizamos a identificação dos jovens com a caracterização sócio-econômica dos mesmos; no segundo se abordou os conhecimentos dos entrevistados em relação às propostas da Fundação Casa Grande e da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa; no terceiro, nos detemos nas percepções e participação destes jovens na rede internacional; e, por fim, no quarto bloco, buscamos compreender as suas percepções acerca da sua participação no desenvolvimento local de Nova Olinda, local da pesquisa.

O segundo roteiro de entrevista semi-estruturada foi direcionado ao coordenador da Fundação Casa Grande e se dividiu em três blocos: a identificação do entrevistado, no qual se procurou saber sobre a formação e a missão do mesmo; a missão e o trabalho da Fundação Casa Grande, assim como a proposta de trabalhar em redes sociais; as estratégias de comunicação para o desenvolvimento local coordenadas pela organização não governamental, em especial, através da

Rádio Casa Grande FM.

É válido salientar que, embora esta pesquisa não esteja focada sobre a Rádio Casa Grande FM, o percurso metodológico e a estratégia de intervenção deles, através deste veículo de comunicação, demonstrou ser importante a análise da programação da emissora, no sentido de averiguar o *link* entre seu conteúdo e as propostas da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa. Assim, a análise dos dados contemplará também aspectos da grade programática da emissora.

Optamos por este roteiro teórico-metodológico por acreditar ser o mais adequado para o objeto de estudo. A atualidade do tema das redes sociais o torna desafiador, sendo ainda impossível apreender a sua totalidade. Por isso, neste recorte específico em que a pesquisa se propõe a analisar as apropriações dos jovens rurais a partir da sua inserção em redes sociais mediatizadas por tecnologias de informação e a possível inclusão de elementos voltados ao desenvolvimento local, dividimos o presente trabalho em quatro capítulos.

No primeiro é estruturado o aporte teórico que deu sustentação à pesquisa refletindo sobre os temas das redes sociais, do desenvolvimento local e da juventude rural. Neste, estabelecemos uma interface entre os postulados teóricos de Manuel Castells; Leila Christina Dias; Scherer-Warren; Nestor Garcia Canclini; Maria Salett Tauk Santos; Jesus Martin-Barbero e Elisa Guaraná de Castro. A contemporaneidade da temática das redes sociais associadas ao desenvolvimento local, é contextualizada por Paulo de Jesus, Pedro Demo e Carlos Julio Jara.

No segundo capítulo, são apresentadas a cidade de Nova Olinda e a Fundação Casa Grande. A descrição destes dois espaços se faz necessária pela simbiose existente entre o local e o projeto social. O conhecimento da missão institucional, organização política e formas de funcionamento dão margem às atuações dos garotos e garotas entrevistados e, portanto, nos situam sobre o objeto de estudo.

No terceiro capítulo, são apresentadas as características do grupo de entrevistados. Neste capítulo, nos detivemos no cotidiano dos jovens, na escolaridade, no trabalho, no uso do tempo livre, no acesso às políticas públicas, assim como no acesso às mídias massivas e mídias sociais.

No quarto capítulo são analisadas as apropriações que os jovens fazem das

propostas da rede internacional, à luz das mediações tecnológicas nas interações estabelecidas entre sujeitos de realidades diversas (Brasil, Moçambique e Angola) e se a relação entre a atuação deles contempla estratégias de comunicação para o desenvolvimento local.

Após apresentação e análise dos dados da pesquisa, este trabalho apresenta as conclusões, sugestões e referências que visam contribuir com as pesquisas que ora se desenvolvem sobre o tema das redes sociais e desenvolvimento local para a própria Fundação Casa Grande na sua busca pela inclusão social dos jovens e ao presente Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE, que tem produzido um relevante aporte teórico interdisciplinar sobre o espaço rural, Comunicação e o desenvolvimento local.

CAPÍTULO 1 – REDES SOCIAIS, JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Este capítulo pretende promover algumas reflexões sobre o tema das redes sociais e suas co-relações com a juventude rural e o desenvolvimento local. As redes tecem a sociedade da informação. Seja no âmbito tecnológico, de comunicações ou na esfera pública, os processos econômicos, políticos, culturais e sociais dependem de um complexo sistema de interligações. Na atualidade, a territorialidade, a proximidade e as possíveis malhas viárias de acesso a diferentes partes do globo não podem ser considerados os únicos elos entre diversas culturas, localidades e formas de organização geopolítica. O antigo conceito de tempo tampouco é bússola para desvendar os novos caminhos estruturantes da sociedade pós-moderna. As redes e as suas formas de organização podem se apresentar como importantes elementos para entender as sociedades e seus rumos.

A chamada sociedade da informação traz no seu bojo a marca da revolução tecnológica impulsionada na metade do século XX. Revolução que tem configurações distintas das anteriores, pois situa a informação em lugar preponderante. “A primeira característica do novo paradigma é que a informação é sua matéria-prima: são tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores”. (CASTELLS, 2009, p. 108)

Outro aspecto desta sociedade, segundo Castells, é a “penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias” (CASTELLS, 2009, p. 108). A existência individual, coletiva, os modelos de produção estão permeados por essas novas tecnologias, ou seja, de computadores, sistemas de videotexto, sistemas digitais que incluem tecnologias de transmissão de informações sem cabos, entre outros (SANTOS, 2009). Apesar de ainda não estarem tão acessíveis a todas as pessoas em todo o mundo, são utilizadas em diferentes campos, localidades e mesmo distintas frentes ideológicas.

Si bien en la sociedad tradicional la cultura también estuvo ligada a la producción, no estaba ligada al dinamismo, la creatividad, lo nuevo. Quizás en ninguna sociedad la cultura estuvo más ligada a la producción que en la sociedad industrial propiamente tal. (...) hoy el conocimiento y el avance científico-tecnológico comandan sobre el factor trabajo, el que empieza a cambiar su naturaleza. El trabajo

está más vinculado hoy a la información, el conocimiento y el intercambio simbólico, que al despliegue físico y éste se desplaza hacia la exclusión y marginalización de la sociedad (GARRETÓN, 2003, p. 23).

A tecnologização da vida social e financeira, fruto e marca da sociedade da informação, se trata de uma ruptura com o padrão da sociedade industrial tradicional que impacta nas formas de produção, de sociabilidade e no próprio conceito de tempo. As novas tecnologias têm desdobramentos econômicos e sociais, visto que diminuem os custos de produção e criam novas demandas sociais.

A tradição intelectual nos marcou com a estampagem em relevo de pensar as estruturas e os processos sociais e econômicos desde a perspectiva de suas condições de produção. Uma forma de determinação linear e por períodos: produção, circulação e consumo. As tecnologias – a digitalização em primeiro lugar – quebraram as barreiras de tempo espaço, introduzindo o passado e o futuro nas equações de um presente perpétuo. (VIZER, 2007, p. 39)

A terceira característica referência da sociedade da informação e das novas tecnologias de informação e comunicação diz respeito a sua estruturação de interligações contínuas, ou seja à lógica de redes. “O nosso modelo comunicacional dominante está construído em torno: 1) da globalização da comunicação; 2) da ligação em rede dos *media* de massa e interpessoais e, conseqüentemente, da mediação em rede; 3) e de diferentes graus de uso de interatividade”.(CARDOSO; ESPANHA; ARAÚJO, 2009, p. 21)

Além de complexo e paradoxal, o uso das redes não é isento de conflitos. Principalmente quando se tratam de negociações de sentidos entre comunidades tradicionais ou rurais e bens simbólicos hegemônicos. O rural contemporâneo tem constituição complexa e, por isso, faz-se relevante o estudo sobre as populações do campo. As redes tecnológicas e sociais estão presentes no cotidiano da quase totalidade da população mundial, mas a dinâmica de negociação de sentidos e usos de bens materiais e culturais é campo de disputa entre hegemonia e contra-hegemonia, resignificações e rejeições.

Estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas, negras -, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também a intensificação de sua comunicação com as outras culturas de cada país e mundo. No interior das comunidades, esses processos de comunicação são percebidos ao mesmo tempo como outra forma de

ameaça à sobrevivência de suas culturas e como uma possibilidade de romper a exclusão, como experiência de interação que comporta risco, também abre novas figuras de futuro, pois há nessas comunidades menos complacência nostálgica para com as tradições e maior consciência da indispensável reelaboração simbólica que exige a construção do futuro. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 64-65)

Parece que, para além da tendência à “complacência” das comunidades, a adaptabilidade aos novos mecanismos da sociedade da informação se apresenta como necessária à inserção social. Mas não se trata tão somente de uma padronização das formas de estar no mundo. As distintas realidades resignificam bens de acordo com sua cultura. Por isso, as redes sociais também são diversas.

1.1. Redes: uma conversa inicial

De acordo com Dias, apesar das redes aparecerem como uma forma recente de interação e intervenção social, o termo *rede* surgiu no século XII significando o conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós (DIAS, 2007).

Alguns teóricos apontam que o conceito de redes, no modelo mais aproximado da modernidade, é fundamentado na França, mais especificamente na filosofia de Claude-Henri de Rouvroy, o Conde de Saint-Simon. Influenciado pelo ideário iluminista, o pensador apontava as redes como possíveis condutores do desenvolvimento tecnológico. A ampliação das estradas, além de um Estado dirigido por cientistas e industriais conduziram as sociedades em direção à mudança social. “Seus discípulos, ao contrário, teriam feito o caminho inverso ao do mestre e para eles as redes tornaram-se as próprias produtoras de relações sociais, até mesmo de uma revolução social” (DIAS, 2007, p. 17).

Tais pesquisadores apontavam para dois elementos característicos das redes, a auto-regulação e a não-linearidade. A capacidade de capilarização presente nos fluxos informacionais e de amplificação sem fronteiras das vozes e ideologias de determinados grupos podem exemplificar tais ponderações.

A rede, como qualquer outra invenção humana, é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito da ação, mas expressa ou define a escala das ações sociais. As escalas não são dadas a priori, porque são construídas nos processos. Como os objetos são conflituosos, as escalas são ao mesmo tempo objeto e arena de conflitos (DIAS, 2007, p.23).

O desenvolvimento das novas tecnologias e do funcionamento dos mercados financeiros impulsionou os estudos sobre as redes. O tema ganhou relevância na década de 70, na qual se estruturou um campo de estudo intitulado *social network analysis* (Análise das Redes Sociais). “Esse paradigma de análise de redes parte do pressuposto de que a vida de cada indivíduo depende em grande medida da forma que se encontra ligado a um amplo espectro de conexões sociais dentro de uma estrutura sistêmica” (SCHERER-WARREN, 2007, p. 33).

A proposição unificou as duas principais vertentes de estudo do tema: uma que pesquisava nas redes, os elementos de estruturação social, e a outra focada nas diversas formas de relações estabelecidas em um determinado campo social. O novo campo de estudo impulsionou diversas frentes investigativas: *blockmodelling*, *scale-free*, *power-law*, *small-world networks*, entre outros. A primeira, desenvolvida em Harvard, na década de 1970, possibilita aferir em escalas multidimensionais a distribuição de indivíduos numa estrutura. A análise de redes de interação em sistemas complexos ficou a cargo da *Small-world networks* (SCHERER-WARREN, 2007).

No rol destas técnicas investigativas ainda estão: *Power-law or scale free distribution* que identificava os indivíduos ou pólos centrais articuladores e difusores de informações; e o *Social Capital*, “definido como um potencial social produzido na vida das pessoas de uma comunidade, compreendendo características tais como a existência de redes sociais, normas e confiabilidade, que permite aos indivíduos agirem mais eficazmente juntos e desenvolverem objetivos comuns” (SCHERER-WARREN, 2007, p. 34). O Capital Social que se apresenta como um tema presente nas discussões sobre participação popular e desenvolvimento local, na perspectiva das redes possibilita “examinar os impactos dos atores coletivos na esfera pública, incluindo-se as esferas da mídia e das políticas públicas. (SCHERER-WARREN, 2007, p. 34)

No citado período histórico, o mundo estava diante do que seria analisado posteriormente como uma das fases de reestruturação capitalista (CASTELLS, 2009). A internet e uma série de outros produtos microeletrônicos se apresentavam como divisores tecnológicos que seriam utilizados para fins econômicos e civis, ampliando as formas de conectabilidade dos indivíduos e das nações.

Um dos principais ícones da revolução tecnológica da contemporaneidade é a

rede mundial de computadores, ou a internet. Desenvolvida, inicialmente, com fins militares, pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, se chamava ARPANET e entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969. A iniciativa envolveu membros da comunidade acadêmica estadunidense (Universidade da Califórnia em Los Angeles, Stanford Research Institute, Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e Universidade de Utah). Segundo Castells, os próprios cientistas utilizaram a tecnologia para comunicações pessoais e desenvolvendo uma rede virtual de entusiastas de ficção científica (CASTELLS, 2009, p. 82 – 83).

Santos (2009) pontua que os argumentos do impacto da internet são os mais variados e, inclusive, antagônicos.

La tecnología, puesta al alcance por la red de redes o internet, puede colaborar tanto en la mejoría de las calidades de vida de la población, como bien puede convertirse en un mecanismo que los poderes fácticos nacionales y transnacionales utilicen para controlar a los ciudadanos. (GARRETON et all, 2003, p. 22).

Segundo Castells (2009), a imbricação das redes sociais com as novas tecnologias da informação é um das características das formas organizativas do espaço público nas sociedades atuais. Outros pesquisadores parecem coincidir com este novo direcionamento político e social.

Tradicionalmente, a noção de esfera pública esteve associada a ambientes concretos, tais como cafés, salões literários e assembleias, nos quais as pessoas negociavam desejos, planejavam ações e realizavam o chamado “jornalismo literário”. Entretanto, desde a publicação de *Mudança Estrutural na Esfera Pública*, o conceito vem sendo reformulado, de modo a assimilar não apenas as contribuições dos críticos e teóricos, como também as transformações dos sistemas políticos democráticos e das novas tecnologias (DOIMO; MITRE; MAIA, 2009, p. 109).

1.2. Sujeitos em coletivos: as redes sociais

Em planos mais localizados, grupos de indivíduos se articulavam em redes sociais para ampliar o espectro da sua pauta política e ideológica. No Brasil, por exemplo, pode-se citar o caso das Ligas Camponesas, dos movimentos políticos partidários, estudantis, entre outros. No entanto, para efeito de impacto no referido

campo de estudos, alguns pesquisadores apontam a década de 80 como de fortalecimento desta área de investigação científica⁵.

As autoras ressaltam que entre as décadas de 1970 e 1980, ganham fôlego no país as redes movimentistas, ou seja, experiências de articulação de grupos sociais mais ou menos organizados em pautas de natureza fragmentária e específica, em especial no meio urbano popular. Scherer-Warren postula que tais coletivos, em geral, possuem formas solidarísticas ou estratégias de instrumentalização de alguns movimentos, mas que três dimensões devem ser consideradas nas análises: a temporalidade, a espacialidade e a sociabilidade. A primeira corresponde aos mecanismos de conexão de tempos sociais distintos; a segunda, a criação de territorialidades, sejam virtuais ou presenciais; e a última, as novas formas de relações sociais, sua intensidade, intencionalidade, significado e abrangência (SCHERER-WARREN, 2007, p. 37).

As redes de movimentos sociais se formam em um complexo sistema de reconhecimento, no qual as identidades são causa e consequência da formação de um núcleo coletivo, visto que o reconhecimento pode ser impulsionador da aglutinação dos atores sociais, mas também suas percepções e sua relação identitária podem ser reformuladas em um processo dialógico. Estas articulações se conectam através de: identificações sociais, éticas, culturais e/ou político-ideológicas; de intercâmbios, negociações, definição de campos de conflito e resistência; e aos mecanismos de discriminação, dominação ou exclusão sistemática; com vistas à transposição dos limites desta situação sistêmica na direção da realização de propostas ou projetos alternativos, ou seja, estabelecem seus objetivos, ou constroem um projeto para o movimento (SCHERER-WARREN, 2007, p. 36).

As redes sociais primárias, interindividuais ou coletivas, caracterizam-se por serem presenciais, em espaços contíguos, criando territórios no sentido tradicional do termo, isto é, geograficamente delimitados; enquanto isso, as redes virtuais, resultantes do ciberativismo, são intencionais, transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios virtuais cujas configurações se definem pelas adesões por uma causa ou por afinidades políticas, culturais e ideológicas. Todavia, elas poderão vir a ter impacto sobre as redes presenciais e vice-versa, numa constante dialética entre o local e o mais global, entre o presencial e o virtual, entre o ativismo do cotidiano e o

5 SCHERER-WARREN, 2007; DOIMO; MITRE; MAIA, 2007.

ciberativismo, podendo vir a auxiliar na formação de movimentos cidadãos planetarizados (SCHERER-WARREN, 2007, p. 39).

As redes, suas formas de interação e de atuação estão vinculadas a contextos históricos, políticos e culturais. Ainda assim, Franco (2001) pondera que uma rede social se “forma de ordem espontânea que emerge como resultado das interações de participantes descentralizados, sem ser criada por qualquer autoridade centralizada”. O autor ainda enfatiza alguns elementos que compõem o conceito de Rede Social, e estão no campo da subjetividade, quando “uma rede é uma relação moral de confiança”. (DE FRANCO, 2001, p. 371).

Ao analisar o Fórum Social Mundial, na perspectiva da soberania nacional e globalização alternativa, Hardt (2003) reitera essa assertiva: “reconhecer os aspectos comuns dos projetos de outros lugares do mundo é o primeiro passo para expandir a rede de movimentos ou ligar uma rede à outra” (HARDT, 2003, p. 341).

Neste panorama, as redes de movimentos sociais se apresentam como novas formas de participação política na contemporaneidade. Outras características destes espaços coletivos são: a heterogeneidade de sua composição, a possibilidade de estabelecer relações mais horizontais, a capacidade agregadora e articuladora de sua intervenção e o empoderamento dos sujeitos coletivos e individuais (SCHERER-WARREN, 2007). E, mais uma vez, as ferramentas tecnológicas são aliadas desta intervenção.

Se na segunda metade da década de 1980, os movimentos sociais deram mostras de seu poder instituinte, o qual transpareceu ao longo do processo da constituinte sob a forma de “emendas populares”, muitos ativistas visionários identificaram a WWW como a principal “cena mediática” que, ao compor novas estruturas horizontais de comunicação seria capaz de amplificar esse poder (DOIMO; MITRE; MAIA, 2007, p. 121).

Castells, no entanto, alerta que este processo, de conexão e de articulação, é mais conflituoso e antagônico do que parece. A outra face da moeda mostra o uso das redes tecnológicas na mundialização do crime organizado, do tráfico de drogas, no reforço da hegemonia dos conglomerados das indústrias culturais, entre outros. Para o autor, se as mudanças sociais resultantes da intervenção das redes (tecnológicas, econômicas, sociais) provocaram o relativo enfraquecimento de práticas solidificadas historicamente como o patriarcalismo e o machismo, por outro também contribuiu para certo refluxo em direção às identidades originais, religiosas

ou étnicas (CASTELLS, 2009, p. 40-41).

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Mas a tendência social e política característica a década de 1990 era a construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias – ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém- construídas, em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional (CASTELLS, 2009, p. 57).

Na juventude, a dissolução dos antigos paradigmas de identidade também tem um impacto importante, refletindo na forma de estar no mundo e, portanto, nas interações sociais e na organização enquanto sujeito político. Como pontua Martín-Barbero:

(...) as novas gerações percebem e assumem a relação social como uma experiência que passa fortemente pela sensibilidade – que é, em muitos sentidos sua corporeidade – e por meio da qual alguns jovens, que falam muito pouco com os adultos, acabam lhes dizendo muitas coisas. Os jovens nos falam hoje através de outros idiomas: dos rituais de vestir-se, tatuar-se, adornar-se e, também, do emagrecer para se adequar aos novos modelos de corpo que lhes propõe a sociedade pela moda e pela publicidade. Não são apenas as mulheres que figuram entre os milhões de adolescentes com gravíssimos transtornos orgânicos e psíquicos, como anorexia e bulimia, envolvidos no paradoxo de que a mesma sociedade que exige, cada vez mais que eles tomem conta deles mesmos, não lhes oferece a mínima clareza sobre seu futuro profissional no mercado de trabalho. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 21-22)

Não é à toa que, ao analisar as estratégias de permanência no campo da juventude rural, Castro (2008) destaque como uma das dificuldades para o protagonismo juvenil, a reprodução social dos papéis patriarcais familiares e comunitários: “Pensar a inserção desse 'jovem' no meio rural hoje implica enfrentar o esforço de analisar a reprodução das relações de hierarquia onde o jovem ocupa um papel privilegiado nos discursos mas não nas práticas” (2008, p.29).

Associada a essa fragmentação das identidades, a sociedade da informação também se apresenta como uma sociedade em transição. Edgar Morin ao analisar a “sociedade mundo”, um conceito que parece ter sido sedimentado, concomitantemente, a emergência destas novas tecnologias de comunicação e informação, pondera a incompletude das teias da sociedade globalizada. A partir da década de 1970, formam-se associações de profissionais de saúde que prestam

ajuda humanitária em diversos países; a Organização das Nações Unidas dá corpo a conferências mundiais sobre juventude, mulheres, meio ambiente, entre outros assuntos, articulando governos em busca da defesa dos direitos humanos; organizações não governamentais ampliam suas bandeiras para outros territórios a fim de fortalecer suas lutas. No entanto, muitas destas alianças se mostraram frágeis ao longo do tempo. Muitos signatários de acordos internacionais, burlavam os documentos e princípios que reiteraram, como é o caso do Protocolo de Kyoto, e a própria ONU apresenta dificuldades para se estabelecer como uma autoridade supranacional. “A globalização instalou a infra-estrutura de uma sociedade-mundo que ela mesma é incapaz de instaurar. Temos o alicerce mas não o edifício. Temos o hardware e não o software” (MORIN, 2003, p. 355).

Assim, nos é demonstrada mais uma característica das redes sociais: os conflitos e as contradições. Se falamos da aldeia global talvez seja mais evidente a pluralidade dos sujeitos e das formas organizativas e representativa das sociedades que o compõe, mas em espaços menores, mais localizados essas relações não se apresentam em menor intensidade.

Por un lado, los procesos de globalización están marcando el paso de un mundo geopolítico a un mundo geoeconómico y, sobre todo, geocultural. Por otro lado, los fenómenos agregativos o integrativos como superfusiones de empresas comunicacionales o la misma internet, propios de esta globalización, también generan su contrario, es decir, la desagregación y la desorganización, que no sólo afecta a los indígenas y a los campesinos, o sea a los sectores más desprotegidos de la sociedad, sino que también desestructuran los Estados, las sociedades nacionales y a los actores que la constituyen (GARRETÓN et al, 2003, p. 19-20).

Se os processos em rede afetam e dizem respeito a tantos setores sociais se torna evidente a relevância do tema para questões como o desenvolvimento local, a sustentabilidade, as identidades e as culturas. Como abordamos anteriormente, o próprio conceito de redes aparece quase sempre vinculado a articulações para promoção de algo. Na contemporaneidade, esses coletivos sociais e as ferramentas tecnológicas de conexão, assim como a integração de países em blocos (como Mercosul, União Européia, NAFTA, etc), e as fusões financeiras nos indicam os modelos de desenvolvimento vigentes e as intensas relações de poder. Hegemonia e resistência terão, guardadas as devidas proporções, características similares nas

discussões globais e locais.

Os modos de desenvolvimento modelam toda a esfera de comportamento social, inclusive a comunicação simbólica. Como o informacionalismo baseia-se na tecnologia de conhecimentos e informação, há uma íntima ligação entre cultura e forças produtivas e entre espírito e matéria, no modo de desenvolvimento informacional. Portanto, devemos esperar o surgimento de novas formas históricas de interação, controle e transformação social (CASTELLS, 2009, p. 54).

Se baseando neste princípio, os múltiplos formatos organizativos das sociedades apontam para o uso das redes como estratégias de interação, de controle e de transformação. Os princípios de exclusão e de inserção são similares, no entanto, ao de épocas anteriores. A revolução tecnológica parece ainda apresentar resquícios de um modelo darwiniano, segundo o qual a suposta igualdade de oportunidades seria meio regulador da promoção dos vencedores e da derrocada dos perdedores, assim como dos inclusos e dos marginalizados, dos conectados e dos *outsiders*.

As redes sociais formadas por movimentos com marcas identitárias fragmentadas (HALL, 2006) entram na disputa ideológica pela inclusão de um determinado ideário através dos instrumentos que atuam como mediadores simbólicos da agenda pública. Na América Latina, experiências com comunidades indígenas, quilombolas e campesinas demonstram o interesse em apropriar-se das novas tecnologias informacionais para criar formas alternativas de comunicação, de informação e de construção de capital social. Os produtos destas apropriações, na maior parte das vezes, e infelizmente, ficam restritos a uma veiculação localizada. Em alguns casos, falando para si próprios.

É válido salientar que reconhecemos as produções culturais locais como relevantes para a revalorização identitária de uma comunidade, para o empoderamento das capacidades locais, mas a interculturalidade (ou a sua escassez) nos grandes fios que conectam as regiões de um mundo globalizado é algo que parece requerer atenção. Se a conexão é regra para existência simbólica e material, as diferenças não poderiam significar desigualdades. “Para millones el problema no es mantener 'campos sociales alternos', sino ser incluidos, llegar a conectarse, sin que se atropelle su diferencia ni se los condene a la desigualdad. En suma, ser ciudadanos en sentido intercultural” (CANCLINI, 2008, p. 53).

Dados do Comitê para Democratização da Informática demonstram que 79%

da população mundial é digitalmente excluída. Para a instituição, estar à margem da internet é ter sua cidadania negada e estar vulnerável ao mundo da criminalidade. “Sem acesso à modernidade, milhares de latino-americanos têm se tornado refém do tráfico e da violência, incapazes de decidir sobre suas próprias vidas e de participar da sociedade como cidadãos críticos”⁶.

No Nordeste, dados do núcleo de Pesquisas e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor apontam que 569 municípios não possuem estrutura local de acesso à internet. (TAUK SANTOS, 2009)

As razões para essa situação estariam ligadas à falta de interesse do mercado em investir em áreas de baixa renda ou pelo fato de o governo federal não ter conseguido ainda contemplar todos os municípios brasileiros com o Programa GESAC – Governo Eletrônico, do Ministério das Comunicações. Apesar de atingir os 26 estados da federação e o Distrito Federal, os 3.240 pontos do GESAC cobrem apenas 36,8% dos 5.574 municípios brasileiros. (TAUK SANTOS, 2009, p. 26)

Parecem existir duas correntes antagônicas de percepção das redes para os agentes que a compõem: uma que percebe nestes espaços um meio para alcançar um fim determinado e outra que entende a participação, ainda que passiva, constrangida, nestes núcleos coletivos como o fim em si. Tauk Santos (2009) em estudo sobre os programas governamentais de inclusão digital parece apontar que a dualidade não seria a solução mais apropriada para se pensar um contexto tão complexo.

O objetivo explícito desses programas de inclusão digital está voltado à superação da exclusão social, materializada no analfabetismo, na desnutrição e na violência, presentes nos contextos populares de pobreza. Na prática, entretanto, como afirma Alvarez, coordenador do Comitê para a Democratização da Informática de São Paulo, a imensa maioria deles é focada na simples oferta de computadores e internet à população carente sem que se garanta a essas pessoas o uso da tecnologia para aquisição do conhecimento necessário à transformação social (TAUK SANTOS, 2009, p. 29).

A juventude rural está imersa na panaceia das novas sociabilidades engendradas pela mediatização tecnológica da vida social, mas no seu cotidiano as contingências materiais se fazem presentes. Martin-Barbero, analisando as mudanças nas percepções das juventudes aposta em três frentes, que parecem ser empregáveis ao nosso objeto de estudo: “a condição social dos jovens, a

⁶ Disponível em: http://www.cdi.org.br/notes/cenarios_da_exclusao, acessado em 04 de dezembro de 2009, às 18h45.

reconstituição das subjetividades e a mediação constitutiva da tecnicidade na transformação do sensorium coletivo, das sensibilidades contemporâneas” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 27).

Vizer (2007) salienta que “as tecnologias – a digitalização em primeiro lugar – quebraram as barreiras do tempo e do espaço, introduzindo o passado e o futuro nas equações de um presente perpétuo” (VIZER, 2007, p. 39). As redes convivem com essas novas configurações de tempo e espaço, recriando-as constantemente. O propósito integrador das redes reconstrói formas de sociabilidade e as inquietações provocadas também são diversas.

Qué es un lugar en la mundialización? Quién habla y desde dónde? Qué significan estos desacuerdos entre juegos y actores, triunfos militares y fracasos político-culturales, difusión mundial y proyectos creativos? La fascinación de estar en todas las partes y el desasosiego de no estar con seguridad en ninguna, de ser muchos y nadie, cambian el debate sobre la posibilidad de ser sujetos: ya aprendimos en los estudios sobre la configuración imaginario de lo social cuanto pueden tener los procesos sociales y los sujetos de contruidos o simulados. Quizá comienza un tiempo de reconstrucciones menos ingenuas de lugares y sujetos, aparecen ocasiones para desempeñarnos como actores verosímiles, capaces de hacer pactos sociales fiables, con alguna duración, en intersecciones disfrutadas (CANCLINI, 2008, p. 06).

É na arena das comunicações que é possível perceber o embate ideológico e é por um espaço neste campo que as redes se organizam. Na fala, as ideologias tomam forma. Nos veículos de comunicação de massa, inclusive na rede mundial de computadores, a disputa por hegemonia e os núcleos de resistência se tornam mais visíveis.

As comunicações de massa já não têm um dono hegemônico externo – apesar das corporações econômicas e políticas sempre buscarem construir corporações midiáticas – mas, se desenvolvem como um campo de autonomia relativa enorme com um poder econômico, político e simbólico que cresce à mercê do desenvolvimento vertiginoso dos processos de convergências midiáticas e digital. Os meios se transformaram no espaço privilegiado das mediações públicas articulando o público com o privado, e a especificidade de seu poder se acha precisamente na sua capacidade de construir dispositivos de regulação simbólica dos espaços sociais. (VIZER, 2007, p. 24)

A realidade se apresenta factível de novas percepções. O concreto e o real se fundem em um “tempo intemporal” (CASTELLS, 2009). As redes se apresentam como mão dupla nestes processos: suas características produzem dinâmicas, mas

também são regidas por dinâmicas exteriores. Como forma de organização social, se reconstruem a si mesmas e estão sujeitas à reprodução permanente “de seus elementos e da trama de interdependência mútua entre os indivíduos que constituem a organização” (VIZER, 2007, p. 45).

1.3. Redes sociais e o espaço rural

O rural contemporâneo é parte importante das redes sociais globais, estando conectado, e formando núcleos coletivos para promoção de direitos civis e potencialização da produção de bens e serviços. Este espaço é mais complexo e múltiplo do que muitas vezes é retratado pela imprensa ou persiste no imaginário da sociedade brasileira. O autor José Eli da Veiga traz um dado importante: "O Brasil essencialmente rural é formado por 80% dos municípios, nos quais residem 30% dos habitantes". (VEIGA, 2003, p.34).

É neste conjunto relevante que o impacto da nova revolução da tecnologia informacional estende suas teias. O advento da globalização se apresenta como um vetor de mudanças em diversas frentes cultural, econômica, impondo alterações nos modelos produtivos e mesmo no cotidiano rural. O embate de grupos hegemônicos com núcleos de resistência é uma constante. Para tratar do tema das redes no campo, vamos abordar a forma de organização da agroindústria e de resistência ao modelo proposto por articulações coletivas de agentes, trabalhadores rurais e organizações não governamentais em torno de redes sociais de desenvolvimento local sustentável.

A ampliação da industrialização e das novas tecnologias de informação e comunicação, assim como a necessidade de se inserir na rede mercantil mundial impulsionou o desenvolvimento de cadeias de produção agroindustrial. “De modo geral, podemos afirmar que o processo de modernização da atividade agrícola no Brasil tem significado, igualmente, a promoção de mudanças na dinâmica de organização, equipamento e uso do território pelos agentes sociais envolvidos” (SILVEIRA, 2007, p. 215).

A “economia de rede” que é característica dos modelos agroindustriais de produção toma fôlego no Brasil com a crise de acumulação de capital vivenciada no mundo na metade da década de 1970. A lógica capitalista de então valorizava um

regime de acumulação flexível, ao invés da oferta massiva de produtos, a inovação tecnológica, a flexibilização das relações de produção, além de estar fortemente vinculada à circulação de capital, de informações e de mercadorias (SILVEIRA, 2007, p. 221).

Ocorre, simultaneamente, um aumento progressivo do intercâmbio de matérias-primas e da transformação industrial face ao incremento da demanda por novos produtos, especialmente como estratégia de atendimento de nichos específicos de mercado. Isso tem levado à flexibilização, tanto das relações de produção (subordinação) dos agricultores com as agroindústrias, como também das normas e padrões de produção, dada a substituição da lógica de massificação do consumo agroindustrial. (SILVEIRA, 2007, p. 221-222)

A organização em redes articula os agentes econômicos na área rural. “Desse modo as redes constituem arranjos organizacionais que utilizam recursos e envolvem a gestão das interdependências de várias empresas”. (SILVEIRA, 2007, p. 221-222)

A articulação coletiva destas empresas no campo vem no bojo das reestruturações da esfera pública promovida pela liberalização capitalista nas áreas política e econômica. Há neste contexto, a integração econômica, a ampliação das concorrências nos mercados nacional e mundial e o enfraquecimento do papel do Estado. Assim surgem o que Silveira chama de “redes de poder”, nas quais os sujeitos que compõem os complexos agroindustriais (CAI) promovem rearranjos institucionais e modos de regulação. “Nesse aspecto, a definição da rede não é dada apenas pelo fluxo tecnológico e produtivo, ou pelas ações das empresas, mas principalmente pelo papel da governança e dos fluxos de recursos de poder no desenvolvimento do CAI”. (SILVEIRA, 2007, p. 223)

O fato é que, com tais práticas, grandes conglomerados no campo tentavam se adaptar a um modelo unificado de técnicas produtivas de larga (porém flexível) escala e se impor no mundo globalizado. Multinacionais impunham (e impõem) um padrão tecnológico para os agricultores, difundindo práticas e técnicas produtivas como o uso de sementes selecionadas, agrotóxicos e fertilizantes, sem considerar, na maioria dos casos, as formas locais de produção. Tal “exercício de poder” do modelo agroindustrial na produção fumageira em rede é assim demonstrado por Silveira:

O poder das empresas multinacionais fumageiras se

manifesta, na medida em que controlam a circulação de recursos (capital, tecnologia, informação e normas) que os demais agentes necessitam para sua reprodução, mantendo-os em uma situação de permanente incerteza e dependência, uma vez que são as agroindústrias fumageiras que definem a área a ser plantada, as orientações técnicas quanto à produção, o padrão de classificação do fumo quando da sua compra e o preço a ser pago, as mudanças organizacionais e produtivas, os novos investimentos ou fechamento de unidades fabris. (SILVEIRA, 2007, p. 246)

Como resistência a esta tendência de liberalização capitalista, movimentos rurais, integrados em geral por trabalhadores rurais, sindicatos e organizações não governamentais, envolvidos em torno de temas como agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento local, tem se organizado em redes sociais. Dois exemplos são a Articulação do Semi-Árido (ASA) e o Movimento Sem Terra.

As redes urbanas e rurais, nesta ótica, parecem apontar para novas formas de organização e participação sócio-políticas. A cidadania para estes conjuntos aponta para uma prática de intervenção coletiva consciente sobre o real e o local ou mundo em que se habita. Tais redes parecem perceber a busca pelo desenvolvimento local, como o apontado por Tauk Santos (1998), pela transformação da cultura política. “Construir uma nova cultura política pressupõe, como assinala Marilena Chauí, estimular formas de auto organização da sociedade e, sobretudo, das camadas populares, criando o sentimento e a prática da cidadania participativa”. (CHAUÍ *apud* TAUK SANTOS, 1998, p. 30)

Entendendo a participação política como prática dialógica e, portanto, comunicacional, o estímulo a uma nova forma de cultura política perpassa a problematização da inserção das tecnologias de informação e comunicação no campo e da comunicação rural. Afinal, os sujeitos políticos coletivos rurais, como a ASA, o MST e nosso objeto de estudo, a Fundação Casa Grande, também têm utilizado as TICs, em um movimento contrário, de inserção de novos ideais na grande rede mundial e estendo as teias das redes locais para outras partes do globo. Neste contexto:

Redes sociais são mecanismos que promovem a interação pessoal e interpessoal através da circulação democrática ou não de informação entre os diferentes segmentos sociais, possuindo suas diversas finalidades e métodos de articulação, mas que apresentam em comum a necessidade de participação, elemento fundamental para o estabelecimento de

um processo de comunicação. (CALLOU *et al*, 2009, p. 196)

Callou (2000) propõe um repensar sobre a sustentabilidade do conceito de Comunicação Rural frente às questões como o enfraquecimento das instituições intermediárias e representativas, as novas sociabilidades engendradas pelas tecnologias e a combinação de elementos da cultura urbana com a local, particularmente entre os jovens rurais.

[...] embora admitamos as mudanças na concepção de espaço agrário (e os estudos dos pesquisadores em Comunicação Rural sobre turismo em áreas rurais é um bom exemplo disso) permanecemos ainda com o mesmo padrão conceitual da Comunicação Rural, ou seja, o da participação comunitária. Mas como se debruçar sobre as novas ruralidades sem que se trabalhe o campo teórico da Comunicação em geral, e da Comunicação Rural em particular naquilo que parece mais instigante para pensar essa temática no século XXI: o lugar das populações rurais numa era marcada e estruturada pelas tecnologias de comunicação e informação” (CALLOU, 2000, p. 17-18).

As TICs parecem impor ao meio rural (assim como ao meio urbano) o desafio de se pensar na desestabilização dos conceitos de “participação” e de “comunitário” em uma sociedade da informação linkada por redes. Na cidade, o conceito de participação, de comunidade, de política e de cultura se apresentam em um intenso embate em resistir a individualização, ao massivo-hegemônico ou adaptar-se aos novos elementos ofertados pela globalização. Experiências em rede têm demonstrado as possibilidades de culturas populares, espaços locais refuncionalizarem peças, informações e modos de interação hegemônicos.

Na conjuntura contemporânea, que compreende, entre outros fatores, as relações entre o global e o local, as redes de comunicação têm uma influência direta na construção de práticas e estratégias de interação, com relações em vias de mão dupla entre os diversos níveis para a construção do desenvolvimento local. Essa é uma das características das redes, que favorecem a troca de informações e as negociações entre pessoas e organizações de diferentes lugares, numa velocidade capaz de antecipar o tempo, reduzir distância e ampliar as formas de interação (TAUK Santos *et al*, 2009, p. 253).

Muitas das experiências de organização social no campo, inclusive com jovens, envolvem estratégias de comunicação para o desenvolvimento local, com produção de programas para rádio, formações em comunicação para lideranças, *sites* e outros meios de, conectados, inserir suas pautas na agenda pública. Para

Tauk Santos, a participação, como conceituada por Marilena Chauí:

(...) é um caminho longo e lento. Pressupõe um amplo processo de comunicação que possibilite as pessoas envolvidas superarem condicionamentos culturais. A cultura constitui, portanto, o espaço chave a ser considerado quando o objetivo da comunicação é desenvolver formas de organização para a prática da gestão comunitária. Nesta perspectiva, quando se trata de construir o desenvolvimento local, é fundamental que a comunicação funcione como facilitadora das mediações da cultura hegemônica global, materializada nas propostas associativistas do Estado, da cultura local, da população pobre, do meio rural em seu subjetivismo e individualidade. (TAUK SANTOS, 1998, p. 33)

As redes sociais por serem baseadas em relações humanas e institucionais cotidianas representam a manifestação das diferentes formas de estar no mundo. Também as distintas etapas de formação do capital humano e social. Estes, por sua vez, impactam na capacidade de negociação das comunidades, na incidência junto à gestores públicos a fim de conquistar políticas públicas e orçamentos para sua execução, ou seja, para atuar em prol do desenvolvimento local.

Toda forma de organização social se (re) constrói a si mesma como um sistema complexo, sujeito à (re) produção (cultivo) permanente de seus elementos e da trama de relações de interdependência mútua entre os indivíduos que constituem a organização". (VIZER, 2007, p. 45)

Estes coletivos sociais, políticos, tecnológicos e econômicos incluem um vasto leque temático com pautas estruturantes do modelo de sociedade em que se vive ou que se pretende viver. Estão inseridos nos conflitos global-local, hegemonia-resistência. Por isso, as redes apresentam características distintas de acordo com a sua composição, mas apresentam em comum o fato de refletirem as relações de interdependências que os habitantes desta sociedade globalizada mantêm e as contradições do descompasso de um desenvolvimento promotor de desigualdades e que ainda não assimilou a interculturalidade como elemento estruturante de sua composição.

1.4. O rural multicultural nas conflituosas negociações da sociedade-mundo e em busca do desenvolvimento local

A complexidade do rural na atualidade reflete as dinâmicas anteriormente citadas, as quais são responsáveis pelas quebras dos paradigmas tradicionais, ao

mesmo tempo, que caminha em paralelo com a emergência de identidades e crenças fundamentalistas. O meio rural integra redes sociais, mercados e é parte fundamental de inúmeros acordos internacionais. Ou seja, interage e participa dos processos globalizadores.

As globalizações, como feixes de relações sociais, englobam fenômenos políticos, econômicos e culturais, e estão permeadas por acessos desnivelados a bens e direitos entre os sujeitos envolvidos, além de se constituírem em territórios de conflitos. Por isso, Boaventura de Souza Santos (2003) propõe uma ampliação do olhar sobre estes fenômenos assimétricos, identificando quatro formas de globalização. A primeira, denominada de “localismo globalizado”, corresponde a emergência de um determinado fenômeno local que passa a ser adotado pelo conjunto de instituições e sujeitos do globo. A língua inglesa é um exemplo.

A outra forma é o “globalismo localizado”, que diz respeito ao impacto em contextos locais de imperativos transnacionais como o *dumping* ecológico e a conversão da agricultura de subsistência para a de exportação, entre outras. Destaca Santos: “o sistema-mundo é uma trama de globalismos localizados e localismos globalizados”. (SANTOS, 2003, p. 436)

No entanto, o autor ressalta que há fenômenos que extrapolam as duas dimensões anteriormente citadas. Uma destas é a emergência do tema do patrimônio comum da humanidade, o qual é arena de intensas disputas e diz respeito a assuntos que afetam o conjunto dos indivíduos do planeta, como o aquecimento global. E o último é o *cosmopolitismo*. Rejeitando o significado convencional do termo, que o associa a um ideário individualista, universalizante e de desconsideração das fronteiras territoriais e culturais, Santos define esta forma de globalização como:

(...) um conjunto muito vasto e heterogêneo de iniciativas, movimentos e organizações que partilham a luta contra a exclusão e a discriminação sociais e a destruição ambiental produzidas pelos localismos globalizados e pelos globalismos localizados, recorrendo à articulações transnacionais tornadas possíveis pela revolução das tecnologias de informação e de comunicação. As atividades cosmopolitas incluem, entre outras, diálogos e articulações Sul-Sul; novas formas de intercâmbio operário, redes transnacionais de lutas ecológicas, pelos direitos da mulher, pelos direitos dos povos indígenas, pelos direitos humanos em geral; serviços jurídicos alternativos de caráter transnacional; solidariedade anticapitalista entre o Norte e o Sul; organizações de desenvolvimento alternativo e em luta contra o regime hegemônico de propriedade intelectual que desqualifica os saberes tradicionais e destrói a biodiversidade.

(SANTOS, 2003, p. 436)

A multiplicidade de práticas sociais, políticas, religiosas e econômicas interligadas pelas globalizações se manifestam em um constante movimento de disputa hegemônica, mas também inferem em novas formas de organização das diferenças. Assim, o conceito de cultura se torna preponderante e se relaciona diretamente com as identidades fragmentadas e contraditórias da modernidade tardia, os imaginários sociais e seus dispositivos de organização do real.

La identidad es la expresión cultural de la pertenencia a un espacio por parte de personas, individuos y colectividades. Esto implica la forma en que se perciben a sí mismos y a los otros, lo que a su vez tiene que ver con la manera en que se relacionan entre ellos, con otros, y con las instituciones. Los individuos, comunidades y actores colectivos pueden tener múltiples identidades, no necesariamente excluyentes unas de otras, aunque a veces pudiera parecer que sí lo son y aunque normalmente tiende a predominar una identidad principal que subordina a las otras. Las identidades son procesos en el tiempo de construcción nunca acabados y se van conformando no sólo por dinámicas propias o endógenas, sino también por divervas y plurales miradas y perspectivas que vienen de los otros (GARRETON, 2003, p. 57).

Além de cosmopolita, por estar ativamente articulado no embate ideológico global-local, o campo é multicultural. Este termo diaspórico, segundo Stuart Hall, é um adjetivo que caracteriza sociedades plurais, agregadoras de comunidades culturais diferentes, mas que tentam construir uma vida comum, mantendo pontos de suas identidades originais. (HALL, 2008, p. 50)

Os fluxos migratórios de entrada e saída das localidades se organizam por inúmeros motivos: acesso a instituições de ensino; relações econômicas com outros sujeitos dos grandes centros urbanos; a ida de pessoas destes centros para morar no campo em busca de melhor qualidade de vida e segurança, entre outras. Estes movimentos têm impacto na pluralização das identidades locais rurais.

Este processo, no entanto, não é concertado. Ao contrário, a reorganização social desta multiculturalidade e desta fragmentação identitária abre sulcos que são utilizados pelos mercados: “As identidades, dizem, quebraram. Em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado. As ciências sociais descobrem que a cidadania também se pratica no mercado, e que as pessoas que não têm como realizar suas transações ali ficam, por assim dizer, fora do mundo” (SARLO, 2000, p. 26).

Tal contraponto aparece como fundamental para refletir sobre os

antagonismos da globalização e da sociedade das redes. Como destaca Hall (2008), o fenômeno da globalização é antigo, coincidente com a era das explorações e conquistas européias. As primeiras fases destes processos, associada à formação e consolidação dos mercados capitalistas mundiais, sustentavam-se pelas tensões políticas entre mercados globais e Estados-nação. Com a quebra dos estados-providencia, há sensíveis mudanças de configuração:

A nova fase pós-1970 da globalização está ainda profundamente enraizada nas disparidades estruturais de riqueza e poder. Mas suas formas de operação, embora irregulares, são mais “globais”, planetárias em perspectiva; incluem interesses de empresas transnacionais, a desregulamentação dos mercados mundiais e do fluxo global do capital, as tecnologias e sistemas de comunicação que transcendem e tiram do jogo a antiga estrutura do Estado-nação. (HALL, 2008, p. 35)

A tal processo se vinculam correntes teóricas e estudos que vêm na globalização um processo de “homogeneização e, ao mesmo tempo, de fragmentação articulada do mundo que reordenam as diferenças e as desigualdades sem suprimi-las” (CANCLINI, 2007, p. 45). A instrumentalização tecnológica desta sociedade, a qual promoveria a inter relação dos múltiplos atores sociais do global para o desenvolvimento local e para protagonismo das comunidades locais tem sua factibilidade questionada.

La tecnología, puesta al alcance por la red de redes o internet, puede colaborar tanto en la mejoría de las calidades de vida de la población, como bien puede convertirse en un mecanismo que los poderes fácticos nacionales y transnacionales utilicen para controlar a los ciudadanos. (...) La información ha devenido un bien de consumo, prácticamente una mercancía, pero el acceso a ella se mantiene con un carácter privilegiado y no democrático (GARRETON, 2003, p. 22).

Ressaltar estes processos é não incorrer no risco de repetir entendimentos simplistas dos complexos fenômenos das sociedades pós-modernas. Reconhecer as potencialidades dos grupos multiculturais de serem proativos diante de tais embates políticos também é elemento relevante nestas discussões. Considerando a cultura como elemento de reprodução (ou não) das relações capitalistas, neoliberais, alguns autores apresentam versões emancipatórias do multiculturalismo. Citando Lowe e Loyd (1997), Boaventura de Sousa Santos destaca:

Se a tendência do capitalismo transnacional é a mercantilização de

tudo e, conseqüentemente, o colapso do cultural no econômico, é precisamente onde o trabalho, diferenciado e não “abstrato” está sendo transformado em mercadoria que o cultural se torna, de novo, político (...), o campo em que as contradições políticas e econômicas são articuladas”. (LOWE;LOYD apud SANTOS, 2003, p. 33-34)

O que se destaca em tais concepções, aparentemente contraditórias, é o seu caráter complementar e não reducionista. A cultura e a identidade, como elementos articuladores de relações sociais, são espaços privilegiados dos processos globalizadores. Os aportes apresentados no início deste capítulo por Ortiz, de uma “cultura popular internacional” reforçam tal tese. Por ser feixes de relações, as globalizações, são campos de disputa de poder e, portanto, se organizam de forma a estabelecer relações de ganhadores e perdedores, de hegemonia e contra hegemonia, movimentos contínuos de acomodação e superação de paradigmas. (SANTOS, 2003)

A viabilidade de formas de política multicultural ou de subpolítica global pressupõe respostas adequadas a dois tipos de problemas que as transformações do capitalismo global apresentam para as lutas emancipatórias e a produção do conhecimento sobre elas, e que já foram evocados. Em primeiro lugar a multidimensionalidade das formas de dominação e de opressão suscita, por sua vez, formas de resistência e de luta que mobilizam atores coletivos, vocabulários e recursos diferentes e nem sempre mutuamente inteligíveis, o que pode criar sérias limitações para as tentativas de redefinição do campo político. Em segundo lugar, tendo a maior parte dessas lutas uma origem local, a sua legitimação e a sua eficácia dependem da capacidade de atores coletivos e movimentos sociais de forjar alianças translocais e globais, que também elas pressupõem a inteligibilidade mútua. (SANTOS, 2003, p. 40)

Entendendo as identidades como elementos referenciais para as construções simbólicas e práticas sociais é possível afirmar que a emergência do local impacta diretamente nas formas organizativas das diversas sociedades. No campo, o conflito entre o local e o global se acentua. Quando nas áreas rurais, a globalização que se propõe a conectar diferentes culturas se traduz em práticas de invasão ou supressão culturais, é excluída a dialogicidade das interações sociais, passando a reproduzir ações, como definiria Gramsci, de submissão e subordinação dos saberes populares a “técnicas produtivas” em um claro conflito das diferentes visões de mundo (e de classes).

As resistências a este modelo são significativas e possuem o viés contra-hegemônico, sendo encabeçados por movimentos sociais, organizações não

governamentais, grupos comunitários e de classe que se apropriam de ferramentas hegemônicas para difundir outro ideário, em um processo de reconversão cultural. A experiência da Fundação Casa Grande pode ser considerada um exemplo.

A compreensão de como se dá a reconversão dos códigos de uma cultura popular, no caso a cultura campestre, nos códigos da cultura hegemônica é igualmente importante para compreender os processos de comunicação rural na contemporaneidade, a luta contra a exclusão, e pela cidadania dos contextos populares, passa pelas propostas de parcerias dessas populações com organizações governamentais e não governamentais, na perspectiva de viabilizar o desenvolvimento local. (TAUK SANTOS, 2002, p. 41)

Desenvolvimento que depende da ativação das capacidades coletivas e individuais de uma determinada localidade. Tal panorama se enquadra na discussão aportada por Carlos Julio Jara para quem o desenvolvimento sustentável deve comportar o fortalecimento do capital humano e social de determinada localidade. A adequação para resolução de problemas existentes, através de vínculos de solidariedade entre os cidadãos e o estabelecimento de espaços democráticos, os quais incidem nas políticas públicas e permitem o controle social, são fatores indispensáveis para o autor. E tudo isto se materializa em mudanças a longo prazo, afinal a estruturação do sentimento de pertença e o rompimento com os padrões assistencialistas e coronelistas de gestão do espaço público requer um processo de uma mudança cultural (JARA, 2001).

Na perspectiva de Jara, o capital humano corresponde aos recursos humanos que, empoderados, teriam capacidades para resolver a diversidade de problemas colocados pela sociedade, através de processos produtivos integradores e equitativos. O capital social, por sua vez, estrutura-se na capacidade de auto-organização de uma determinada sociedade ou localidade, através de vínculos solidários e instâncias representativas populares que formam um tecido social participativo (2001, p. 100).

Esta organização e participação não é espontânea, tendo como característica os conflitos, visto que requer o rompimento com uma histórica dominação social e política, não eliminando o poder, mas propondo outra forma de poder. Participação requer autopromoção comunitária, sendo elemento indissociável ao desenvolvimento e exigindo um difícil processo de autogestão (DEMO, 1996).

Assim como a participação não é concessão, os direitos também têm que ser

fruto da conquista dos diversos segmentos sociais existentes (mulheres, negros, indígenas, crianças, idosos, etc). Como Demo destaca, direito é incondicionalmente devido, mas só se efetiva se reivindicado e conquistado. Para tal é preciso conhecer as regras do jogo democrático, entender sua burocracia, seus jogos de poder e as ferramentas de negociação disponíveis. Isso tudo é a materialização da política – que é teoria, mas também prática.

E é impossível falar de política, participação sem retornar ao tema da cultura. Esta permite a identificação dos grupos humanos, que por sua vez, se materializa em mobilização. Ao sentir-se grupo coeso, diverso, porém com pontos de convergência, há o incentivo ao trabalho conjunto. Como destaca o autor, o modelo de desenvolvimento sustentável, que é contra-hegemônico, e pode criar e manter em um determinado espaço, pelos atores sociais ali existentes para que não se reverta em dependência ou exploração. O reconhecimento dos sujeitos sociais com vínculos culturais, políticos, econômicos, entre outros, é indispensável para ativar a participação política em prol do desenvolvimento local, apesar de não existirem fórmulas para tais processos.

Cultura significa produto tipicamente humano e social, no sentido da ativação das potencialidades e da criatividade de cada sociedade, com relação ao desenvolvimento de si mesma e ao relacionamento com o ambiente. É marca do homem sobre a terra, principalmente na região simbólica, como capacidade de se criar e desdobrar em suas potencialidades próprias e como capacidade de interagir com as circunstâncias externas dadas. Nisto está precisamente sua característica política, entendida como capacidade de fazer a história. (DEMO, 1996, p. 55).

Na complexa dinâmica das sociedades globalizadas, onde estão inseridas as realidades locais rurais, se faz importante entender as capacidades culturais como pontos de convergência para incentivar as articulações em prol de direitos e desenvolvimento com equidade e sustentabilidade, ou seja, de desenvolvimento local. Neste processo, a importância dos produtos culturais e mesmo dos veículos de comunicação nas realidades locais dependem menos da quantidade e diversidade de informação circulante do que da capacidade de mobilização que eles geram (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 68-69). Sempre ressaltando que a cultura e o desenvolvimento local, assim como os processos que lhes estão imbricados, têm na sua base as relações de poder e seus derivados conflitos.

CAPÍTULO 2 – NOVA OLINDA: CENÁRIOS E PROPOSTAS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

Neste capítulo, apresentaremos a cidade lócus desta pesquisa, Nova Olinda, no sertão do Cariri Cearense, assim como, a estrutura e o funcionamento da Fundação Casa Grande, organização não governamental onde estão inseridos os jovens entrevistados. Esta seqüência de apresentação se faz necessária porque há uma simbiose entre o projeto social, a história e o contexto da cidade.

2.1. Breve contextualização do lócus da pesquisa: a cidade de Nova Olinda

A cidade de Nova Olinda, lócus desta pesquisa, está situada na Chapada do Araripe, no Ceará, compondo o conjunto de municípios que fazem parte da Região Metropolitana do Cariri (Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Caririáçu, Farias Brito, Missão Velha, Jardim, Nova Olinda e Santana do Cariri). Sua emancipação política se deu em 14 de março de 1957, quando foi elevada a município, pela lei nº 3.555, e desmembrada de Santana do Cariri. Suas origens, no entanto, datam das últimas décadas do século XIX e era conhecida como Tapera, localidade formada por moradores das margens do rio Cariús. O novo nome, Nova Olinda, foi adotado pela influência de um missionário, o Frei Henrique Feitosa, que saído de Olinda, cidade pernambucana, identificara semelhanças geográficas entre os dois municípios⁷. (IBGE)

O biotipo de parte da população e outras características locais demonstram algumas das raízes indígenas da população, ainda que não haja, nas rondozelas, comunidades consideradas indígenas:

A cidade revela em sua história e processo de ocupação registros do surgimento do povo Cariri. Entre Nova Olinda e Santana do Cariri existe a maior reserva fossilífera do período Cretáceo, com fósseis de até 150 milhões de anos atrás. Fez parte das trilhas indígenas que cortavam o sertão dos Inhamuns, abrigando aldeias dos Kariri kariú. A aldeia Kariú, que significa água saída da mata, foi o primeiro registro de ocupação em Nova Olinda (Centro de Defesa da Vida Hebert de Souza, 2008, p. 16).

⁷ Histórico da cidade disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, acessado em 22 de outubro de 2010, às 13h16.

De acordo com os dados iniciais do Censo 2010⁸, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui 14.256 habitantes, distribuídos em 284 Km² de área territorial. Uma breve comparação entre este e o último censo parece demonstrar uma redução do percentual da população rural. Em 2000, 52,94% da população residia na zona urbana, enquanto 47,06% em áreas rurais. Uma década depois, 68,1% da população é considerada urbana e 31,99%, rural. A perda de expressivo contingente populacional percebe-se de forma mais incisiva quando comparada a 1980, visto que 65,48% do total de residentes estava na área rural. Mesmo diante deste quadro, o percentual da população rural em Nova Olinda ainda está acima da média estadual cearense (24,91%).

Algumas peculiaridades da organização político-administrativas precisam ser explicitadas. Com exceção do distrito sede, onde está localizada a prefeitura, o município não possui outros distritos. Ainda assim é possível identificar algumas localidades que concentram importante parcela da população rural, as quais são: Triunfo, Serra do Zabelê, Serra do Catolé, Serra das Palmeiras e o Sítio Patos.

A cidade convive com um cenário de marcante desigualdade e concentração de renda. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica do Ceará (IPECE), a População em Idade Ativa (PIA), constituída por pessoas residentes de 10 anos e mais, correspondia em 2000, a 76,88% do total dos moradores. Cerca de 85,29% destes se encontravam inseridos nas classes de rendimento de até um salário mínimo, em contraponto à participação dos extratos de rendimento mais elevados com faixas entre 10 a 20 salários mínimos, correspondente a 0,47% e que recebem mais de 20 salários mínimos, referente a 0,3% da PIA. Estes últimos correspondem a menos de 1% da população ativa.

A distribuição do rendimento nominal mensal dos trabalhos das pessoas ocupadas está concentrado nos intervalos correspondentes às seguintes categorias: até um salário mínimo (45,05%) e sem rendimentos mensais (31,24%) que juntas somam 76,29% das pessoas ocupadas, indicando o baixo poder aquisitivo da população. O setor de serviços corresponde a área que mais emprega e gera renda (80,84%), seguido das pequenas indústrias (12,27%) e, por fim, a agropecuária (6,89%).

8 Resultados iniciais do Censo 2010 disponíveis em: http://www.ibge.gov.br/censo2010/resultados_do_censo2010.php, e acessado em 09 de dezembro de 2010, às 10h40.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (IBGE-2007), quando a população total da cidade ainda era de 12.974 habitantes, aponta que 24,88% dos residentes eram jovens entre 15 e 29 anos. É válido salientar que o conceito de juventude que utilizamos nesta pesquisa coincide com o da Cepal (15 a 29 anos). Apesar de não se basear neste mesmo critério, um estudo do Centro de Defesa da Vida Hebert de Souza evidencia que há uma transição demográfica, com o declínio da participação dos jovens na vida sócio-econômica de Nova Olinda:

São visíveis os baixos incrementos populacionais e o declínio da participação de crianças e jovens em contrapartida a elevadas taxas de incremento e aumento da participação dos idosos. Em 1980, cerca de 56,9% da população (5.564 pessoas) tinham até 19 anos de idade. Já em 2000, esta parcela (0 a 19 anos) representava 47,3% (5.713 pessoas) da população de Nova Olinda. Em contrapartida, a população idosa (60 anos ou mais) residente no município, que representava, em 7,3% da população total, cresceu sua participação para 10,2% em 2000 (Centro de Defesa da Vida Hebert de Souza, 2008, p. 17).

Utilizando os mesmos critérios do Centro, identificamos que a tendência explicitada anteriormente é confirmada pelos dados da PNAD-2007: a população com até 19 anos, corresponde a 44% da população (5.713). Em relação ao indicador de gênero, a pesquisa do IBGE demonstra um que até os 24 anos incompletos, o número de mulheres é inferior ao de homens – quadro que se reverte marcadamente a partir dos 24 anos, quando o número de homens passa a ser gradativamente menor. Mais adiante, ao analisar a estrutura e equipamentos sociais disponíveis, poderão ser visualizados indicativos que justifiquem este quadro, no entanto, pode-se citar dentre estes: o êxodo para cidades vizinhas, associados a fatores estruturais como a deficiente oferta de oportunidades profissionalizantes, de lazer e mesmo de assistência à saúde.

Ainda assim, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, Nova Olinda pode ser considerada uma cidade de médio desenvolvimento humano. O Atlas utiliza os mesmos critérios do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), para medir o grau de desenvolvimento de países ou localidades a partir de indicadores como alfabetização, taxa de matrículas, esperança de vida ao nascer e renda *per capita*. O Atlas divulgado em 2000, com o balanço das duas décadas

anteriores, colocou o município estudado em 78º colocado no ranking cearense.

Os jovens que compõem a amostra desta pesquisa integram a Fundação Casa Grande e, através deste espaço, têm contato com redes internacionais de movimentos sociais. Por isso, inicialmente, apresentaremos a entidade e, posteriormente, o perfil do grupo entrevistado, detalhando dados da realidade local que influenciam diretamente na população jovem do município.

2.2. A Fundação Casa Grande

A trajetória da Fundação não está registrada em uma publicação específica. Por isto, este capítulo se utilizará das narrativas da coordenação da instituição, jovens e de pais. De acordo com Paul Thompson, a realidade é complexa e multifacetada. Por isso, a História Oral possibilita maior amplitude do que a maioria das fontes permite, recriando a multiplicidade original de pontos de vista. Esta história é construída em torno das pessoas, oferecendo uma transformação radical do sentido social da história (THOMPSON,1992). É deste ponto de vista que partiremos para analisar o contexto da entidade.

A Fundação Casa Grande é uma organização não governamental que foi inaugurada no dia 19 de dezembro de 1992. A sua criação está vinculada ao resgate histórico das populações que habitavam a cidade de Nova Olinda e também à memória das famílias tradicionais do local. A ideia inicial dos seus diretores e fundadores, o casal Aemberg Quindins e Rosiane Limaverde, músico e historiadora, respectivamente, limitava-se à criação e manutenção de um museu composto por um acervo de registros arqueológicos da tribo kariús-kariris, doados por universidades ou por donos de propriedades do local, assim como pela catalogação de lendas e mitos típicos da região. De acordo com Limaverde: “Nosso primeiro objetivo era, e ainda é, preservar viva a memória do povo do Cariri. O reconhecimento de quem somos é importante para valorizar o nosso território”⁹ (LIMAVERDE, 2010).

A história da instituição se revela imbricada com a da região do Cariri e também do município. O pai do fundador era, como intitulam os moradores locais,

⁹ Entrevista concedida por Roseane Limaverde no dia 08 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

um “prático” muito conhecido, que atuava como farmacêutico e dentista, sendo reconhecido como um dos principais profissionais de saúde da cidade. Na década de 60, em um período de tumultuada transição política, foi prefeito por um ano, tendo marcado sua gestão pela construção de espaços até hoje existentes como o matadouro público¹⁰.

O terreno e a casa que sediam a organização são propriedades da família de Alembert Quindins e datam do século XIX. O espaço registra a memória dos costumes familiares na sua arquitetura, mobília e pequenos adornos, como o altar na primeira sala, a ausência de janelas no quarto da filha para evitar fugas, o teto baixo e um amplo pátio interno. No entanto, por questões familiares, até o início da década de 1990 a área estava em avançado processo de destruição e abandono. Com recursos próprios, o casal reformou a primeira casa de Nova Olinda, construída em 1717, inaugurando o Memorial do Homem do Cariri, fruto de dez anos de pesquisas sobre a arqueologia da região, coordenado por Limaverde.

Os meninos e as meninas chegaram, aos poucos, atraídos pela novidade. A casa velha, considerada mal assombrada pela população daqui, estava novamente de pé, e o fato de ser um livro de história interativo – aliás, o único da região – começou a atrair também visitantes. De pouquinho em pouquinho, o projeto foi crescendo e mobilizando várias pessoas, da cidade e de fora (QUINDINS, 2010).¹¹

A instituição mantém como missão a formação educacional de crianças e jovens protagonistas em gestão cultural por meio de seus programas: Memória, Comunicação, Artes e Turismo. De acordo com o site institucional:

Os programas de formação da Fundação Casa Grande desenvolvem atividades de complementação escolar através dos laboratórios de Conteúdo e Produção. O objetivo é a formação interdisciplinar das crianças e jovens, a sensibilização do ver, do ouvir, do fazer e conviver através do acesso a qualidade do conteúdo e ampliação do repertório.¹²

O organograma institucional está composto por quatro instâncias principais, responsáveis pelas decisões políticas e financeiras. São estes: 1) os sócios: grupo formado pelos fundadores e benfeitores (pessoas e instituições que colaboram,

10 Informações coletadas durante entrevistas com jovens e pais que estão inseridos na Fundação Casa Grande.

11 Entrevista concedida por Alembert Quindins no dia 08 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

12 Informações disponíveis na homepage: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>, acessado em 10 de dezembro às 19h05.

desde o início dos trabalhos, com a manutenção da iniciativa); 2) conselho fiscal: composto pelo presidente e conselheiros (estes são os jovens mais antigos na casa, pais e alguns apoiadores); 3) diretoria executiva: integrada pelo presidente, diretoria administrativa e financeira; e 4) conselhos consultivos, que agregam o conselho científico e o conselho cultural. Os conselhos, em geral, abrigam pais e jovens, segundo tempo de participação e tempo empregado nas atividades desenvolvidas pela organização.

Apesar da sede da ONG, onde se desenvolvem as atividades de comunicação com a juventude, estar em Nova Olinda, seu escritório administrativo e financeiro funciona na cidade do Crato. Neste espaço trabalham os fundadores da organização e um jovem que atuou na Fundação, mas como estudante de contabilidade, ocupou a vaga de técnico administrativo.

Desde sua criação, a ONG diversificou sua atuação, combinando história, comunicação e educação em suas frentes de trabalho. Atualmente, as 70 crianças, adolescentes e jovens integrantes da Fundação, estão distribuídos em atividades de rádio, produção de vídeos, música, editoração, teatro, história e arqueologia. Cada área temática desta diz respeito a um laboratório, os quais detalharemos adiante. Também se investiu esforços na criação de uma cooperativa. Antes, no entanto, é necessário explicitar como funcionam os mecanismos de participação da comunidade juvenil local na Casa Grande.

Grande parte dos meninos e meninas entram ainda pequenininhos e nos dois primeiros anos vêm para brincar no parque (localizado no pátio) ou na biblioteca. Depois, se querem continuar, são formados para atuarem como guias-recepcionistas do Memorial porque vão conhecendo mais de sua história. Aí, já começam a se aproximar dos laboratórios que mais interessam a eles e vão aos poucos aprendendo a manusear os equipamentos, instrumentos e as técnicas. Todos têm responsabilidade em preservar o espaço da Fundação e têm que se dedicar aos estudos, ser aprovado de ano (H.F., 2010)¹³.

Muitos jovens estão desde a primeira turma formada na Casa Grande. Esta estabilidade no número de participantes é marcante: os jovens entrevistados para esta pesquisa possuem entre sete e 12 anos de vínculo com o projeto social.

O pagamento de bolsas ou ajudas de custo depende da fonte de financiamento, ou seja, se há projeto que disponibilize recursos para tal. Atualmente,

¹³ Entrevista concedida por H.F. no dia 07 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

estão disponíveis 20 bolsas, advindas do financiamento do Ministério da Cultura, para os Pontos de Cultura – política governamental federal de fomento à cultura local. A grande maioria, no entanto, nunca recebeu remuneração para continuar nas atividades que começam às 5h e terminam às 22h. A administração do espaço está sob a responsabilidade dos jovens e pais, que se revezam em três turnos, para manter a limpeza do local, o funcionamento dos veículos de comunicação, museu, biblioteca e videoteca. Um grupo de mães também se dedica às atividades na instituição. Elas ocupam os espaços da lojinha e administração da cozinha que produz alimentos para os jovens e os comercializa para o público externo.

A distribuição das atividades pelos laboratórios segue critérios como o objetivo de cada um respectivamente e as afinidades dos jovens para as linguagens que detalhamos abaixo:

Laboratório de rádio

Criada pelo pai do fundador da instituição, Alemberg Quindins, na década de 60, a amplificadora “A voz da liberdade”, foi reativada no final de 1990 para desenvolver o primeiro trabalho de educação por meio da comunicação na cidade. A amplificadora funcionava com três fontes (caixas de som) sobre a casa, onde atualmente é o Memorial. Seu horário de funcionamento era restrito, entrando no ar nos fins de semana com três programas: um, na hora da feira; outro, infantil; e o terceiro direcionado à velha guarda. Aproximadamente 30 anos depois, com recursos e apoio político do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do Governo do Estado do Ceará, a amplificadora e seus fones nos pontos altos da cidade foram substituídos por um transmissor e a licença para transmissão em ondas de mais longo alcance. Estava estabelecida a Rádio Casa Grande FM.

Funcionando diariamente, das 5h às 22h, a rádio alcança, além de Nova Olinda, três municípios vizinhos, Altaneira, Santana do Cariri e alguns sítios de Assaré. Ao todo são 13 programas, entre infantis, de entrevista e musicais, prevalecendo este último gênero. Os estilos musicais são ecléticos e dependem do adolescente ou do jovem que dirige o programa. É possível ouvir de Luiz Gonzaga a Beatles, passando por U2 e Cartola. Este também é um dos principais instrumentos de visibilidade das produções da juventude local:

A importância dessa programação é tamanha (*sic*), porque numa cidade pequena como Nova Olinda, o povo é muito ligado numa coisa só: o forró eletrônico. E a proposta da Casa Grande FM e de todos os programas que estão lá, todos os dias, é dar uma visão nova do que se pode escutar e do que ainda não se conhece (A.L., 2010).¹⁴

Para você ter uma ideia, eu apresentava um programa só com cantorias, repentes e músicas de (Luiz) Gonzaga. Se chamava “Seu Luiz, do sertão”. Você acredita que, por onde eu passava, as pessoas me chamavam de seu Luiz? A rádio é muito forte aqui. (A.S., 2011).¹⁵

A rádio conta com dois aparelhos de CD, dois computadores, dois toca-discos de vinil, uma mesa de oito canais, microfones e um amplo acervo de CDs e vinil. Há um projeto de atualização, ainda em estudo, dos equipamentos e de transmissão via web dos conteúdos produzidos.

Laboratório de TV

O laboratório de TV da Fundação é de última geração, sendo composto por câmeras digitais, dois Macintosh, uma ilha de edição linear (corte seco), uma ilha de edição digital Casablanca, um estúdio de gravação com fundo azul para *chroma key*, refletores, monitores, mesa de som, mesa de efeitos, entre outros.

O aparelho mais importante, porém não pode ser utilizado. É o transmissor, que levaria as imagens produzidas no laboratório de TV da Casa Grande às televisões de Nova Olinda, o qual está lacrado, desde 2001, pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). A ação do órgão aconteceu depois que a Fundação começou a fazer exibições experimentais sem posse da concessão do Ministério das Comunicações. Por estas transmissões, consideradas ilegais, Alemberg Quindins, coordenador da Fundação, responde a um processo na Justiça Federal.

Na época que a gente entrou com o canal no ar, foi audiência total, todo o pessoal da cidade ligava a televisão para assistir o Canal 100. Porque o pessoal gosta de se ver na televisão e a gente saía filmando pela cidade e, no outro dia, eles se viam pela televisão. Era muito interessante (H.F., 2010)¹⁶.

O que seria o Canal 100, referência advinda de um antigo programa exibido antes das sessões de cinema, se transformou no 100 Canal. As produções de vídeo

14 Entrevista concedida pelo jovem A.L. no dia 08 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

15 Entrevista concedida pelo jovem A.S. no dia 07 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

16 Entrevista concedida pelo jovem Miguel Barros no dia 04 de outubro de 2004, na cidade de Nova Olinda, Ceará..

que não podem ser enviadas por ondas através de um transmissor acontecem quinzenalmente na sede da ONG, mais especificamente no teatro que mantém. Os vídeos tratam do cotidiano, de pessoas populares, como o artesão Expedito Seleiro, o “caçador” de cacimbas, seu Tetéu, entre outros.

O laboratório de TV recebeu até 2007 recursos federais, advindos do Ministério da Cultura. Atualmente é alto sustentável, pois, através de uma parceria com o Canal Futura, produzem e vendem materiais educativos mensalmente. Por duas produções mensais recebem o equivalente a R\$ 2.800,00 (Dois mil e oitocentos reais).

Teatro

Criado em 2002, através de recursos doados por Violeta Arraes, socióloga e irmã do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, o teatro é o mais movimentado da cidade. No local são exibidas peças teatrais, apresentações musicais, filmes e produções do 100 Canal. Durante cinco anos, foram realizados cursos de formação de platéia, para iniciar a população local no uso daquele espaço.

Com o desenvolvimento de uma nova linha de atuação na Fundação Casa Grande que diz respeito à articulação em redes sociais nacionais e internacionais, o teatro tem sediado intercâmbios, mostras e eventos artísticas,

Iniciação musical

A iniciação musical é uma das principais atividades da Casa Grande. A primeira etapa, voltada para crianças, se dá por meio de instrumentos feitos de lata; depois, há a introdução em instrumentos profissionais diversos. Além da Banda de Latinha, a Fundação possui Abanda, composta por músicos jovens. Ambas têm um currículo que inclui apresentações com artistas reconhecidos como Zeca Balero, em circuitos nacionais e internacionais. O repertório é híbrido composto por canções tradicionais, música popular brasileira mas também músicas instrumentais que combinam sons regionais, com os de outros países.

Editora

O laboratório de editoração é responsável pela produção e edição de histórias, gibis, cartazes, panfletos e publicações educacionais. No período de 2005

a 2008, produziu o jornal Cariuzinho, voltado a difusão de lendas da região do Cariri e seus personagens como a Mãe D'água, o índio mágico Kariuzinho e a Serpente Encantada. Com o apoio do UNICEF produziram uma revista difundida nacionalmente, em 2005, intitulada "Todos contra o fumo". Os adolescentes e jovens envolvidos nestas atividades participam de cursos de computação gráfica e desenho.

Laboratório de web

Criado em 2004, o laboratório de web teve, inicialmente, como objetivo criar e alimentar a homepage institucional (<http://www.fundacaocasagrande.org.br>). Posteriormente, passou a divulgar os trabalhos da organização via redes sociais como Orkut, Youtube e Twitter. O setor também foi responsável por estimular a criação de blogs individuais por parte de adolescentes e jovens da Casa Grande.

Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande

Como as contingências sócio-econômicas impossibilitam que grande parte dos jovens se dedique apenas a atividades educativas foi criado na Fundação um mecanismo para contribuir com o desenvolvimento na cidade e gerar renda para os pais e familiares das crianças, adolescentes e jovens envolvidos nos laboratórios: a Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande (Coopagran). A iniciativa está composta por 20 pousadas domiciliares, geridas por 20 famílias; dois estabelecimentos comerciais de venda de produtos artesanais, como bolsas, camisas, chaveiros, entre outros, com a logomarca da instituição; e três guias para roteiro de ecoturismo.

Esta estrutura de recepção, somada às iniciativas do Memorial do Homem do Cariri e dos festivais de vídeo, música e teatro exibidos no Teatro Violeta Arraes, renderam à cidade um prêmio do Ministério do Turismo, em 2009. O título de Município Indutor do Turismo foi concedido a 65 cidades que desenvolvem iniciativas inovadoras de promoção do turismo sustentável e histórico. Além do reconhecimento, foram repassados recursos para investimento em sinalização turística e para a instalação de um centro de informações turísticas. De acordo com o prefeito Afonso Sampaio (PSDB), os dividendos políticos ainda são maiores:

O título nacional nos possibilita captar mais recursos do Programa de

Aceleração do Crescimento, principalmente para melhorar a nossa infraestrutura. A distribuição de água encanada atende a menos de 50% da população e o saneamento básico também não está disponível para todos. Neste momento, os recursos federais estão sendo investidos para a substituição das casas de taipa, afinal também somos um dos municípios cearenses com a mais alta taxa de doença de chagas. (SAMPAIO, 2010)¹⁷

Segundo o livro de visitas da instituição, em média, três mil pessoas visitam, mensalmente, a Casa Grande. O fomento ao turismo histórico resultou em outro título, concedido, no mesmo ano, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o de Casa Patrimônio. Este se trata do reconhecimento às iniciativas de promoção da cultura popular e da história dos povos tradicionais.

Os fundos advindos das atividades da cooperativa são divididos entre os associados de acordo com a seguinte distribuição: 90% fica com as próprias famílias para investimento na manutenção do serviço ou negócio e para usos domésticos; e 10% são direcionados ao Fundo Educacional da Fundação Casa Grande. Este último, além de ser utilizado para algumas despesas correntes da organização, possibilitam o aluguel de um transporte, o qual leva e traz de volta à cidade, os jovens da Fundação que estão cursando o ensino técnico ou universitário em alguma cidade próxima à Nova Olinda.

A premiação e a visibilidade da Fundação resultaram em uma parceria maior entre o governo local e a ONG. A prefeitura no ano passado, regularizou e doou à Casa Grande um terreno que está sendo utilizado para incentivar práticas desportivas, em especial o futebol. No local, existem dois campos para esta modalidade esportiva. Esta movimentação resultou na criação de mais um núcleo na organização não governamental voltado para a área de esportes, o qual ainda está em fase de consolidação.

Na atualidade, a Fundação Casa Grande tem investido na diversificação de suas fontes de sustentabilidade, através da geração de renda advinda da prestação de serviço à empresas de comunicação, iniciativa privada ou governamental, assim como por meio de uma maior aproximação com editais de financiamento do governo federal. Como ressalta o jovem M.B.: “Estamos às vésperas de fechar mais um convênio com o Ministério do Turismo. Já temos o apoio do Ministério da Cultura. Com a saída de muitos financiadores internacionais é preciso estar articulado com

¹⁷ Entrevista concedida pelo prefeito Afonso Sampaio no dia 08 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

outros possíveis parceiros”. O cenário da Fundação Casa Grande reflete a macro-estrutura onde estão inseridas grande parte das organizações não governamentais no Brasil.

No próximo capítulo será possível observar como a prática cotidiana dos jovens nos laboratórios da Fundação se articula com a sua vida pessoal e com as suas expectativas para o futuro.

CAPÍTULO 3 – JUVENTUDE DE NOVA OLINDA: PERFIL, COTIDIANO E TRABALHO NA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

Neste capítulo apresentaremos o perfil e o cotidiano dos jovens entrevistados para esta pesquisa. A partir de dados oficiais e dos depoimentos coletados, discorreremos sobre importantes elementos para compreender como vivem estes jovens, quais são suas perspectivas e seus desafios. O objetivo é traçar um panorama que proporcione ao leitor subsídios para o capítulo seguinte, no qual serão reveladas as apropriações da juventude rural de Nova Olinda da experiência de participação em um coletivo movimentalista internacional, a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa.

3.1. Perfil dos jovens entrevistados

O grupo de entrevistados sobre o qual nos debruçamos nesta pesquisa é composto por seis jovens integrantes da Fundação Casa Grande, sendo cinco do sexo masculino e uma do sexo feminino, com faixa etária entre 17 e 26 anos. Apesar de atuarem no mesmo projeto social, o grupo é heterogêneo no que diz respeito às atividades desenvolvidas no interior da organização não governamental, assim como nos seus interesses e perspectivas profissionais. Dois coordenam as atividades de produção musical da Banda que possui nomenclatura homônima; um atua na Rádio Casa Grande FM; um coordena o laboratório de informática e a Editora Casa Grande, responsável pela produção e atualização das peças de comunicação institucionais; um é responsável pelo laboratório de TV, o qual produz documentários, vídeos e clipes. A entrevistada desta amostra, no final do ano passado (2010), saiu da ONG para trabalhar em uma gráfica local, mas também atuava na Editora. Todos estão envolvidos nas atividades da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa.

É válido salientar que, apesar de estarem ocupando os espaços de coordenação dos citados laboratórios, os jovens transitam pelos outros espaços no interior da Fundação. Por exemplo, elaboram documentários, mas também produzem programas de rádio; compõem trilhas musicais e ministram capacitações

de informática. A similaridade é que todos produzem e apresentam programas na Rádio Casa Grande FM. Este é o primeiro veículo de comunicação acessado pelos jovens ao entrar na organização não governamental, além de ser, ao que parece, o mais conhecido pelos moradores da localidade. Como narrou o jovem H.F: “Aqui, a rádio é a boca da Casa Grande e a menina daqui quer estar na rádio”¹⁸. Reitera-se que a ONG se apresenta como uma escola de comunicação. Deste viés, surge a multidirecionalidade das produções dos jovens.

O fato de estar na rádio ou em qualquer outro veículo que possibilite visibilidade a estes jovens aparece nas entrevistas como sendo um dos fatores positivos de estar no projeto social. Ao responder uma das perguntas do roteiro aplicado, um dos entrevistados destaca: “Quando vou para a rádio, eu quero mostrar que eu estou na rádio. Quando, em outra situação, um jovem daqui poderia estar à frente de um programa de rádio, sem interferências de questões financeiras ou ideológicas?” (J.A., 2011)¹⁹. Na sociedade da informação, a presença em espaços mediatizados, dentre os quais estão incluídos os blogs e as redes de relacionamento virtual, parece se apresentar como um fator determinante para a existência social:

Hoje a mera existência física já não assegura um existir social, expediente automático, em uma sociabilidade de tipo comunitário, na qual a existência física e pública praticamente coincidem, pois a contigüidade do território, a exigência da presença e as dimensões possíveis ao mundo garantem o compartilhamento, o movimento de tornar comum coisas e pessoas, enfim, a publicização. Nesta circunstância societária, existir fisicamente significa, sem mais, ter existência pública. A situação transforma-se radicalmente na atualidade. As novas características adquiridas pela realidade-mundo, em especial o caráter compositório da sociabilidade, rompem o imbricamento apresentado anteriormente e impõem novos requisitos para uma existência pública. O existir físico na realidade tangível torna-se condição necessária, mas não suficiente para garantir uma existência publicizada. (...) A existência publicamente compartilhada passa a ser, ela mesma, composta e problemática, verdadeiro campo de luta de poder (RUBIM, 2000, p. 87).

Aparentemente, a juventude rural participa e quer se manter inserida nos códigos da cultura juvenil e da telerealidade, ainda que se depare com desigualdades macro-estruturais que impeçam ou dificultem a plena participação nos espaços públicos e de visibilidade. Esta parece ser uma das características do grupo estudado, o qual quer se manter neste lugar de produtores de informação e cultural,

18 Entrevista concedida pelo jovem H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

19 Entrevista concedida pelo jovem J.A. no dia 09 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

apesar das contingências, como veremos a seguir.

3.2. Educação e acesso ao ensino por parte dos jovens em Nova Olinda

Voltando à amostra, no que diz respeito à escolaridade, quatro entrevistados estão cursando o ensino superior nas áreas de Artes, Educação e Engenharia, tendo dois trancado, recentemente, o curso universitário pela incompatibilidade de horário com o trabalho. Os outros dois jovens concluíram o ensino médio. Ambos pretendem cursar uma universidade futuramente. Durante as entrevistas, foram apontadas como principais dificuldades para a juventude de Nova Olinda se inserir e se manter na universidade: a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar; a distância das unidades universitárias, que ficam em outros municípios vizinhos, estando o mais próximo a 25 km da cidade; e o que denominaram de “desestímulo” para seguir estudando. Estudante de Pedagogia, A.L., precisa se deslocar até o Crato todos os dias:

O fato de termos, na Fundação, um fundo que paga o transporte até a universidade contribui muito. Se formos somar as passagens, no final do mês, sairia caro demais. São estes problemas que impedem muitos jovens de chegar até o ensino superior. Isso sem falar na qualidade do ensino e na forma de ensinar que as escolas públicas mantêm” (A.L, 2010)²⁰.

O Censo Escolar 2009, coordenado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), aponta que, em Nova Olinda, havia 672 matrículas no ensino pré-escolar, 2.777 matrículas no ensino fundamental, 697 no ensino médio. Não foi registrada nenhuma matrícula em creches. Na área rural, as escolas rurais são, na sua totalidade, mantida pela gestão municipal. Assim, apenas vagas para pré-escola e ensino fundamental estão disponíveis nesta zona. O ensino de nível médio e a quase totalidade do EJA (Educação de Jovens e Adultos) está centralizado na área urbana, como é possível observar na tabela abaixo:

TABELA 01 – Matrículas em unidades de ensino em Nova Olinda

20 Entrevista concedida por A.L. no dia 11 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Unidades da Federação/ Municípios Dependência Administrativa	Matrícula inicial													
	Ensino Regular										EJA			
	Educação Infantil				Ensino Fundamental				Médio		EJA Presencial			
	Creche		Pré- escola		Anos Iniciais		Anos Finais				Fundamental		Médio	
	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral
NOVA OLINDA														
Estadual Urbana	0	0	0	0	0	0	128	2	676	2	0	0	0	0
Estadual Rural	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Municipal Urbana	0	0	361	14	923	32	1.033	17	0	0	149	0	0	0
Municipal Rural	0	0	192	0	306	4	149	12	0	0	37	0	0	0
Estadual e Municipal	0	0	553	14	1.229	36	1.310	31	676	2	186	0	0	0

Fonte: Censo escolar – INEP/2009

Em relação aos equipamentos sociais²¹ de educação, é possível observar a redução no número de unidades de ensino municipais, se compararmos ao Censo Escolar 2006. Neste último ano, eram 22 estabelecimentos de ensino fundamental, dos quais 18 eram mantidos pela prefeitura, um (01) pelo Estado e três (03) pela iniciativa privada. Três anos após, o INEP registrou 11 estabelecimentos de ensino fundamental: sete (07) municipais, um (01) estadual e três (03) privados. No ensino médio, não houve alterações. Continuam sendo duas (02) escolas, uma (01) particular e outra estadual.

O cenário de contingências é particular a esta parcela da população, intitulada de juventude rural. A diminuição no número de escolas pode ter impacto direto na quantidade de vagas disponíveis - se não houver um eficiente planejamento - e, conseqüentemente, nas possibilidades de ter acesso à educação.

O estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dupla dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado – e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e à reprodução do estabelecimento familiar. Estas dinâmicas se interligam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e

21 Intitulamos de equipamentos sociais, as estruturas físicas montadas pelas gestões governamentais que possibilitam o acesso da população aos direitos básicos como à educação, saúde, justiça, entre outros.

paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural (WANDERLEY, 2007, p.23).

Apenas um dos entrevistados cursou o ensino fundamental em escola rural e, posteriormente, pela defasagem idade-série foi encaminhado para o EJA também em uma unidade de ensino da área rural, onde vive com a família. Este jovem é o que está, há mais tempo, fora das salas de aula (três anos) e o único dos seis que não possui nenhuma renda mensal. Os demais estudaram em escolas públicas do perímetro considerado urbano.

Considerando as distinções oficialmente adotadas pelo IBGE, entre meio urbano e meio rural, este apresenta três características fundamentais: o *hábitat* disperso, a dependência em relação à sede municipal ou outra cidade próxima e a precariedade do acesso a bens e serviços socialmente necessários, inclusive o acesso a ocupações não agrícolas. Esta situação afeta profundamente os jovens rurais, tanto em sua vida cotidiana, quanto no que se refere às suas possibilidades futuras (CARNEIRO; CASTRO, 2007, p.23).

A professora aposentada da rede municipal e mãe de um dos entrevistados, E. S., aponta as migrações como principal fator de redução das escolas rurais:

Cada vez mais as pessoas estão saindo do campo e vindo para a cidade em busca de melhores oportunidades. Os meninos que estavam matriculados nas escolas rurais vão crescendo, tendo que estudar – se quiser estudar – na cidade, porque só aqui tem nível médio, o investimento da prefeitura vai diminuindo e as escolas vão fechando. Quem arruma emprego em outra cidade também é mais fácil ficar para estudar por lá. Um amigo dos meus meninos faz isso. Trabalha e estuda no Crato, mas mora aqui e vem todo final de semana para casa²² (E.S, 2011).

O fato é que, quanto mais distantes do acesso a direitos básicos como educação, lazer, profissionalização e inserção laboral, maior é a vulnerabilidade de um determinado grupo social e mais escassas são as suas oportunidades de realização profissional e pessoal. De acordo com Marques:

A vulnerabilidade social pode estar na inexistência de ativos, gerando o que Moser (1998) denomina de vulnerabilidade de ativos (tanto tangíveis quanto intangíveis, como relações familiares e capital social), mas também no acesso restrito às estruturas de oportunidades existentes (...). Em outras palavras, a vulnerabilidade pode ser causada por insuficiências nas estruturas de oportunidades e também por dificuldades dos indivíduos em acessá-las (MARQUES, 2010, p. 29).

22 Entrevista concedida por E.S. no dia 08 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Tal observação é imprescindível neste contexto contingente da juventude de Nova Olinda, mas principalmente pelo fato dos jovens entrevistados, apesar da conjuntura, ainda apresentarem uma boa média de escolaridade, com mais de nove anos de estudo. Apenas um apresentou defasagem idade-série ao longo da vida escolar.

3.3. O trabalho e as atividades remuneradas desenvolvidas pelos jovens: oportunidades e conflitos

No que concerne ao mercado de trabalho, foi possível observar que a maioria (cinco dos seis jovens) está ocupada em alguma atividade laboral, no entanto nenhum deles é o principal mantenedor da casa em que moram, e apenas um (a jovem que saiu da Fundação para trabalhar na gráfica) possui uma relação trabalhista formal, com carteira assinada e direitos assegurados. Apesar de alguns terem familiares próximos, como pais, tios ou avós, atuando na agricultura e criação de animais, nenhum dos jovens tem vínculos diretos com estas atividades, e nem mesmo, pelas respostas ao roteiro de entrevista aplicado, planejam desenvolver trabalhos nestas áreas.

As atividades remuneradas que desenvolvem estão relacionadas intrinsecamente às atividades que executam na Fundação Casa Grande e os conhecimentos adquiridos neste local. Metade dos entrevistados possui como principal fonte de renda uma bolsa concedida pela ONG, através de financiamento do Ministério da Cultura, para serem educadores e mobilizadores do pontão de cultura²³, sediado pela organização. Um trabalha como *freelancer*, diagramando peças de comunicação para estabelecimentos comerciais da cidade; há uma jovem que trabalha fora da organização, em uma gráfica, e um que não possui renda mensal, mas atua na Rádio Casa Grande FM e passa todo o dia na instituição.

Um traço marcante é o fato das atividades estarem vinculadas a novas mídias e tecnologias. Os três jovens que são bolsistas da Fundação também atuam como *freelancer*, produzindo eventos, documentários, trilhas sonoras e montagem de

23 O Pontão de Cultura faz parte do Programa Cultura Viva, desenvolvido pelo governo federal, através do Ministério da Cultura. Tratam-se de entidades que recebem apoio institucional e financeiro para coordenar a realização de ações de impacto sócio-cultural em um conjunto de comunidades.

espetáculos para contratantes como SESC e Banco do Nordeste do Brasil (BNB), que têm sede em cidades próximas como Crato e Juazeiro do Norte. Os outros dois desenvolvem trabalhos de *design* e programação visual. Nenhum, no entanto, relata planos de ir morar em outro lugar, apesar de ser recorrente, em seus discursos, a vontade de conhecer novos países e mesmo outros estados do país. Desejo ampliado pela participação nas redes sociais internacionais, das quais a ONG integra.

A Fundação faz com que a gente tenha acesso ao mundo com todas as ferramentas para uma boa formação pessoal e coletiva, não só profissional. Os trabalhos dão a possibilidade de fazer o que a gente gosta e ter visibilidade sem precisar sair daqui (S.S., 2011)²⁴.

A emergência destas percepções destaca, como postula Maria José Carneiro, a ruralidade como:

(...) processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos da cultura local, com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas. Tal processo implica um movimento em dupla direção no qual identificamos, de um lado a reapropriação dos elementos da cultura local a partir de uma releitura possibilitada pela emergência de novos códigos, e no sentido inverso a apropriação pela cultura urbana de bens culturais e naturais do mundo rural, produzindo uma situação que não se traduz, necessariamente pela destruição da cultura local, mas que, ao contrário, pode vir a contribuir para alimentar a sociabilidade e reforçar os vínculos com a localidade. Desse encontro, como observa Rambaud, nasce uma cultura singular que não é nem rural nem urbana, com espaços e tempos sociais distintos de uma e de outra (CARNEIRO, 1998, p. 60).

As entrevistas também apontaram que o campo do trabalho e do uso produtivo do tempo é repleto de conflitos de recortes geracional e de gênero para os jovens rurais. O primeiro se estrutura nas relações entre pais e filhos, melhor explicitando, nas intervenções patriarcais para que rapazes e moças desempenhem, a partir de uma determinada idade, uma definida atividade laboral considerada interessante para aquele núcleo familiar e respaldada pela comunidade. Os jovens rurais, por sua vez, estão imersos nesta “cultura singular”, “nem rural nem urbana”, que tenta se impor aos padrões conservadores apesar de estar, ainda, muito vinculada a estas sólidas bases culturais.

A minha vida sempre foi Casa Grande, a escola - porque tem que estudar – e casa. O contato com gente de outros lugares e de outros países reforçou o sentimento de que dentro da Casa Grande posso

24 Entrevista concedida pelo jovem S.S. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

conquistar as coisas que eu queria e que parecia tão distante para mim. Mas foi muito difícil continuar na Casa Grande porque meu pai não queria. Queria que eu fosse trabalhar, sabe? Mas tive muita força de vontade e pude mostrar para ele que, com a minha dedicação, eu podia conquistar o que queria, ganhar meu dinheiro e comprar minhas coisas sem precisar sair da Fundação e sem precisar sair da cidade (H.F., 2011)²⁵.

Este tipo de conflito de cunho geracional parece se acentuar nas comunidades tradicionais, como a rural, nas quais a autoridade do pai, do chefe da família, aparece, ainda na atualidade, de forma muito explícita. Ao analisar os espaços de atuação e participação política dos jovens nos assentamentos rurais, Castro (2008) destaca o peso da autoridade paterna nos âmbitos privado e público:

O peso da autoridade paterna no espaço doméstico é reproduzido nas relações de trabalho familiar no campo. Esta autoridade cria mecanismos de vigilância e controle a través das relações familiares e demais redes sociais sobre os jovens, principalmente mulheres, que se estendem para os espaços que freqüentam. Embora os filhos sejam citados como muito responsáveis – principalmente quando o tema é trabalho e estudo – existem inúmeros mecanismos de controle (...) (CASTRO, 2008, p.28).

O segundo ponto de conflito no campo do trabalho, observado nesta pesquisa, está relacionado às questões de gênero. Atualmente, apenas uma jovem, do sexo feminino, se mantém inserida nas atividades na Fundação Casa Grande, coordenando um núcleo de esportes e apresentando um programa radiofônico esportivo. V.M., entrevistada na nossa amostra, e outra jovem eram as únicas mulheres envolvidas nas atividades da organização com redes sociais internacionais, mas a primeira nunca participou de intercâmbios presenciais no exterior ou mesmo em outros estados, ao contrário dos demais garotos ouvidos e a segunda se afastou da Casa Grande, ainda em 2006, para casar e viver em outra localidade. Tendo como objeto de estudo os jovens desta ONG desde 2004, nos foi possível observar a saída gradativa das jovens a partir de uma determinada média etária, por volta dos 21 anos, para se ocupar de outras funções no ambiente familiar, casar ou mesmo estudar.

E.S., mãe de dois jovens, um do sexo masculino, entrevistado para esta pesquisa, e uma do sexo feminino, que saiu da Fundação há três anos, parece nos dar indícios para entender esta realidade:

25 Entrevista concedida pelo jovem H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Nova Olinda é uma cidade rural onde homem não apanha e a educação ainda é portuguesa, bem conservadora. Os pais querem colocar os filhos para trabalhar a partir dos 15 anos e as meninas, os pais querem que se dediquem a cuidar de casa, aprender a ser prendada, bordar. Eles pensam que investir tempo na Casa Grande é perda de tempo. Os meninos têm que ganhar dinheiro e as meninas, se preparar para ser boas donas de casa (E.S., 2011)²⁶.

O conceito de gênero, desde a perspectiva culturalista, aponta que as relações entre homens e mulheres, assim como os dicotômicos papéis que assumem no espaço doméstico e público, são construções sociais. Cada cultura codifica simbolicamente as suas regras, definindo as características do masculino e do feminino, os lugares de subordinação e de prática do poder e, por fim, as formas desiguais de relacionar-se. Como ressalta Scott, a complexidade das questões de gênero se centra nas suas imbricações com outros subtemas relacionados ao poder:

(...) el núcleo de la definición reposa sobre una conexión integral entre dos proposiciones: el género es un elemento constitutivo de las relaciones sociales basadas en las diferencias que distinguen los sexos y el género es una forma primaria de relaciones significantes de poder (SCOTT, 1996, pp. 289).

Nas respostas ao roteiro de entrevista aplicado, inclusive da entrevistada, não aparecem indícios de desigualdade na ocupação de espaços de destaque dentro da Fundação, tampouco de tratamento diferenciado para homens e mulheres. Mas uma análise da distribuição dos postos de coordenação, de participação em intercâmbios, da produção de discursos via rádio, TV ou meios impressos disponíveis na organização, nos apontam uma coincidente desigualdade de gênero. Sabe-se que as relações de poder, longe de se expressarem apenas pela força, são constituídas por elementos que seduzem, que descomplicam, que sedimentam relações sociais existentes, proporcionando algumas vezes, a sensação de estabilidade, de estar de acordo com a *verdade* que norteia o estar no mundo.

Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte é porque produz efeitos positivos em nível do desejo – como se começa a conhecer – e também em nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz (FOUCAULT, 2009, p. 148).

26 Entrevista concedida por E.S. no dia 08 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Desta forma o gênero, enquanto categoria estruturante de desigualdades, é moldado pela cultura, mas também a influencia, em um movimento de retroalimentação. Por isso, tal dimensão compreende os símbolos disponíveis com as suas múltiplas representações, os conceitos normativos que tentam limitar ou conter estas mesmas representações - em um movimento de escolha, aparentemente natural, do que é, ou pode ser considerado adequado para uma determinada cultura -, da identidade subjetiva, entre outros.

Ressalta-se que as relações de gênero identificadas por técnicas etnográficas no grupo analisado parecem ser reflexo do entorno cultural. A Fundação Casa Grande e seus jovens, imersos na realidade local, com seu conjunto de valores, estão susceptíveis a reproduzir os padrões sócio-culturais vigentes ainda que os mesmos estejam sob a sombra dos discursos politicamente corretos. Na fala de E.S. é possível identificar esta tendência:

Participo da Casa Grande desde o começo e faço muito gosto dos meus dois filhos terem passado por lá. A mais velha, Tamara, entrou primeiro. Depois foi o Samuel. Tamara era muito reconhecida pelo trabalho que fazia na editora. Uma vez, um doutor francês arrumou uma bolsa de estudo para ela em Paris. Ela se animou, mas eu não deixei não. Sei lá, essa história de tráfico de mulher. Depois ela teimou em estudar Jornalismo, mas é uma profissão muito arriscada. Eu vejo cada coisa na TV. Então, aproveitei que dona Violeta (Arraes) estava estimulando ela para fazer Letras e também apoiei a ideia de fazer Letras. Agora ela tem o dinheirinho dela garantido porque é professora da rede municipal, casou e pode garantir o futuro dos dois filhos dela (E.S., 2011).²⁷

O filho de E.S. participou de vários intercâmbios internacionais e nacionais pela Fundação. Marta Lamas postula que, na área das relações de gênero, é mais fácil mudar o biológico que o cultural:

Es más fácil librar a la mujer de la necesidad “natural” de amamantar, que conseguir que el marido se encargue de dar el biberón. La transformación de los hechos socioculturales resulta frecuentemente mucho más ardua que la de los derechos naturales; sin embargo la ideología asimila lo biológico a lo inmutable y lo cultural a lo transformable (LAMAS, 1996, pp. 107).

3.4. O uso do tempo livre

²⁷ Entrevista concedida por E.S. no dia 08 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Outro aspecto do cotidiano dos jovens que merece destaque é o uso do tempo livre. A cidade de Nova Olinda possui escassas opções de lazer e cultura para a sua população. Os únicos equipamentos culturais disponíveis (teatro, parque infantil, videoteca e gibiteca, por exemplo) estão sob a coordenação da Fundação Casa Grande. Recentemente um terreno baldio, no qual, segundo moradores, estava sendo utilizado para consumo de drogas ilícitas, foi doado pela prefeitura para a gestão da Casa Grande. No local, foram estruturados dois campos de futebol, os quais sediam os campeonatos municipais e intermunicipais.

Os entrevistados, apesar de atuarem meio período nas atividades da Fundação, investem grande parte do seu tempo livre no entorno da mesma organização. Ou seja, continuam executando atividades nos laboratórios ou simplesmente se reúnem na sede da instituição para conversar. Este horário é, geralmente, o noturno. Uma dinâmica muito peculiar é o fato deles estarem quase o dia todo na ONG, excetuando os horários que dedicam aos estudos, a trabalhos-extras ou ao apoio nas atividades domésticas. Esta dinâmica tem o apoio dos pais, como afirma F.S., uma das mães integrantes da Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande (Coopagran), que gestiona as pousadas domiciliares: “Meu menino só aparece nos horários de comer e para dormir. Às vezes, tenho que ir lá (na Fundação) chamá-lo. Mas eu não reclamo. Acho bom porque sei onde ele está e que está fazendo algo que vai ser importante para o futuro dele” (F.S., 2010).²⁸

Há uma construção discursiva comum entre os jovens de rejeição de determinadas expressões culturais, como o forró estilizado, e de alguns ambientes comumente considerados de lazer, como os bares. Somado a isto, o contato com outras culturas, cidades e mesmo países despertam o desejo de que sejam criadas outras opções de lazer no município. Estas, de uma forma genérica, estão associadas ao imaginário da diversão *Cult* e aos espaços urbanos:

Qual é a diversão dos meninos daqui? Ir para bar encher a cara e brigar, ir para os shows destas bandas de forró ou fazer pista²⁹ com moto ou a pé. A Casa Grande é a única opção de lazer de verdade que temos por aqui (J.A., 2011)³⁰.

Se não fosse a Casa Grande, teria que ficar assistindo televisão, porque nem vou para bar nem vou ouvir música de péssima

28 Entrevista concedida por F.S. no dia 04 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará

29 “Fazer pista” é uma expressão popular que diz respeito ao ato de passear, a pé ou em um veículo de locomoção, na avenida principal da cidade.

30 Entrevista concedida por J.A. no dia 08 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará

qualidade nos shows que, de vez em quando, aparecem por aqui (V.M., 2011)³¹

A gente viaja, conhece novas coisas e uma das coisas que eu sinto falta na cidade é de um bom restaurante, com um ambiente agradável para comer e conversar, com uma música ao vivo no violão ou mesmo um *jazzinho*. Aqui só tem bar tocando qualquer coisa. Mas quando tem show de MPB no Crato e em Juazeiro, eu sempre vou (H.F., 2011)³².

Pudemos observar empiricamente esta dinâmica. No período que estivemos na cidade para coleta de dados estava acontecendo um festival de verão promovido pelo governo estadual do Ceará em parceria com a iniciativa privada. Na região metropolitana do Cariri, o município do Crato sediou os festejos. Durante dois dias consecutivos, os jovens se reuniram na sede da Fundação à noite para, juntos, assistirem, na cidade vizinha, ao show da cantora Vanessa da Matta, ao Festival de Contação de Estórias do SESC e a apresentação de bandas de pífano. Como o transporte neste turno é difícil, eles locavam um carro de médio porte, com doze assentos, ao custo de R\$ 12 (ida e volta). Alguns se encontraram com namoradas, mas nenhum ingeriu bebidas alcoólicas ou fez uso de drogas consideradas ilícitas, diferentemente de muitos dos outros jovens que, igualmente, freqüentavam aqueles espaços.

Este detalhamento é importante para visualizar que a participação neste projeto social tem influência direta na interação social que os jovens estabelecem entre si e com os demais concidadãos. Como uma das características das culturas juvenis é a organização em tribos que compartilham de interesses e práticas cotidianas semelhantes, é possível, então, destacar algumas características grupais que impactam no uso do tempo livre da nossa amostragem: a estratificação e seleção das produções culturais em boas e ruins, a rejeição aos padrões mais convencionais de diversão juvenil e uma vivência que parece ser nucleada pela ONG. Mais um dado empírico: ainda que retornassem de madrugada, às 5h a Casa Grande era aberta e às 7h estava em pleno funcionamento.

Não nos dedicaremos a valorar os benefícios ou malefícios dos tempos de trabalho e de lazer que se mesclam no interior da Fundação. No entanto, é válido salientar que as políticas de cultura e lazer, que aparentemente não têm a devida

31 Entrevista concedida por V.M. no dia 07 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

32 Entrevista concedida por H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

atenção do poder público local, possuem um papel fundamental para o desenvolvimento de uma localidade e, portanto, são pontos-chave para o enfrentamento das condições de desigualdade, ampliando as possibilidades de participação social.

Os estudos contemporâneos de comunicação e cultura na América Latina, voltados à compreensão dos contextos populares, têm evidenciado que a interpretação dos fenômenos que envolvem o enfrentamento da pobreza e da exclusão social dessas populações, não podem se limitar, como no passado, a abordagens tradicionais das questões econômicas (CALLOU, TAUKE SANTOS, GEHLEN, 2009, p.07).

A partir destas lacunas nas políticas públicas e na instalação de equipamentos sociais de garantia de direitos, como escolas, centros de saúde, entre outros, é que se delineia a escala de vulnerabilidade de um determinado setor da população. A escassez ou ausência de possibilidades de acesso a serviços essenciais e bens materiais e simbólicos pode resultar na ampliação de um quadro de incertezas em relação ao futuro, como no caso dos jovens. Marques salienta que:

Compreender a pobreza de forma multidimensional nos permite enquadrar com maior plasticidade aqueles indivíduos que, apesar de conseguirem sobreviver, não têm acesso aos mais importantes benefícios das sociedades urbanas modernas. Além disso, diversos acontecimentos, como doenças, envelhecimento e desemprego, podem transformar a vulnerabilidade em privação social. O sentido de vulnerabilidade aqui consiste na existência de uma condição de fragilidade diante de contingências e/ou crises, tornando muito possível a passagem destes indivíduos para situações de privação em sentido estrito no futuro. Na verdade, é provável que tais indivíduos transitam entre situações próximas da privação ao longo do tempo. O sentido dessas contingências e as respostas a elas tendem a variar substantivamente, considerando as diversas instituições do bem-estar, os contextos culturais e os diferentes arranjos de reciprocidade presentes (MARQUES, 2010, p. 30).

O contexto social, econômico e político de Nova Olinda é de contingências derivadas da concentração de renda e das escassas estruturas de oportunidades de progressão profissional e pessoal que deveriam estar disponíveis para a juventude. No entanto, o grupo analisado nesta pesquisa apresenta um perfil de resistência a esta realidade, com objetivas perspectivas de futuro e com o estabelecimento de um padrão de vivência diferenciado do seu entorno. Parece que o esteio lançado pela Fundação Casa Grande proporciona, em certa medida, uma sensação de segurança para pais e jovens. Esta base se mostra assentada na permanência do projeto social

há quase duas décadas na localidade, na consolidação de estratégias conjuntas de geração de renda via cooperativa para os pais, assim como, na criação de um espaço lúdico, de arte, lazer e também trabalho para os jovens.

No entanto, como veremos no próximo capítulo, os jovens têm diferentes formas de participar das redes sociais que a Fundação integra, assim como de utilizar estes espaços como fontes de conhecimentos e de oportunidades. Fatores individuais e coletivos interferem nas formas de apreender e interagir com espaços mais amplos como a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadoras de Língua Portuguesa, o que, conseqüentemente, traz reflexos para as fortalezas e debilidades da empreitada internacional.

CAPÍTULO 4 – JUVENTUDE DE NOVA OLINDA: AS APROPRIAÇÕES DAS PROPOSTAS DA REDE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COMUNICADORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Neste capítulo, apresentaremos a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa, as formas de participação dos jovens de Nova Olinda no coletivo internacional e as suas apropriações da experiência. As análises resultam das entrevistas pessoais realizadas, assim como, de análise documental e de observações de cunho etnográfico, traçando um panorama que permitirá a compreensão de dinâmicas contemporâneas relacionadas às imbricações do global e do local na sociedade das redes.

4.1. A Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa

No ano de 2002, um dos principais financiadores da Fundação Casa Grande, o UNICEF, propôs um projeto de integração entre experiências do Brasil, Moçambique e Angola, na área de comunicação e desenvolvimento, geridas por crianças e adolescentes. A proposta inicial previa intercâmbios de saberes entre os jovens produtores de conteúdos para rádios comunitárias ou educativas, apoiadas pela agência de cooperação internacional. A troca de conhecimentos, ademais de incrementar a qualidade dos produtos comunicacionais, previa o fortalecimento da autoestima dos envolvidos, os quais, excetuando-se as especificidades histórico-políticas dos países, convivem em um cenário de similares contingências.

O objetivo principal da rede é promover e fortalecer experiências de comunicação coordenadas por crianças, adolescentes e jovens. Mais especificamente, pretende estimular a formação de uma rede solidarística de sujeitos sociais e comunidades que, tendo o idioma como principal elo e as incipientes condições estruturais, possam manter os jovens envolvidos em atividades protagônicas, de ativismo social e cultural. É válido salientar que, a formação desta rede foi impulsionada pelo UNICEF. Se envolveram na empreitada três organizações da sociedade civil, uma de cada país.

No Brasil, a rede é representada pela Fundação Casa Grande. Deste espaço,

seis jovens de Nova Olinda estão envolvidos diretamente com seu funcionamento desde o início, estabelecendo contatos e produzindo materiais. Os demais participam de forma indireta e passiva, acompanhando a elaboração de peças de comunicação ou mesmo através dos repasses de informações em reuniões institucionais periódicas.

A formação da Rede intercontinental compreendeu a divisão de tarefas entre as organizações que a integram. No projeto que deu origem à iniciativa, a entidade cearense aparece como a principal mobilizadora das atividades, estando responsável pela capacitação em produção de rádio de jovens de Moçambique e Angola, bem como, ficou a seu cargo a produção de vídeos-documentários sobre a articulação internacional. Os jovens africanos, por sua vez, produzem programas radiofônicos e realizam extensa seleção musical típica dos seus países, os quais são enviados periodicamente para Nova Olinda.

No entanto, estes limites foram extrapolados. A Rádio Casa Grande FM foi inserida nos diálogos, o que possibilitou o uso do veículo de comunicação para a veiculação de entrevistas sobre as realidades africanas e de músicas deste continente. Os jovens de Nova Olinda produziram programas radiofônicos para serem remetidos aos países parceiros.

Pela estrutura, a rede se parece com um mosaico de projetos financiados pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância para retroalimentar as atividades locais e, por outro lado, potencializar o repasse de recursos. Segundo Aemberg Quindins, a necessidade de participar da rede, além do impulso do UNICEF, atendeu a uma demanda de diversificar as linguagens utilizadas na organização cearense e também de estabelecimento de contatos para manutenção das atividades:

A cultura em rede existe desde a pré-história. Não é algo novo e tem como objetivo ligar compreensões, metodologias, navegar por mares antes não navegados. Pelo menos, para nós é isso que significa. Nosso maior lastro é a qualidade da rede de amigos que estabelecemos. Captamos apoios para manter as atividades e a casa funcionando mais pelos conhecimentos que estabelecemos, local e internacionalmente, do que procurando editais. (QUINDINS, 2010)³³

Os canais de diálogo e as interações entre os jovens desvendam um pouco mais sobre o funcionamento da Rede, além de aportar dados que permitem refletir

³³ Entrevista concedida pelo coordenador da Fundação Casa Grande, Aemberg Quindins, no dia 08 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

sobre os usos que a juventude de Nova Olinda faz da mesma.

3.1. Participação dos jovens de Nova Olinda na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa e o papel das mediações tecnológicas

Os seis jovens entrevistados para esta pesquisa atuaram de formas distintas ao longo dos oito anos de existência da rede internacional. Dois estiveram a cargo da produção de vídeos-documentários que mostram semelhanças e diferenças entre os três países; dois, por atuarem na Rádio Casa Grande FM, são responsáveis pela produção dos programas que são remetidos para Moçambique e Angola; os outros dois, por estarem na Editora, onde se desenvolvem as ações de comunicação institucional, tiveram mais contatos com jovens de outros países, estabelecendo diálogos via ferramentas virtuais de comunicação, a fim de manter a rede em funcionamento. Atualmente, as interações são quase inexistentes por motivos que, mais adiante, detalharemos.

Os contatos presenciais da Rede são escassos. As respostas ao roteiro de entrevistas nos apontam que apenas o coordenador da Fundação, Alembert Quindins, esteve em Moçambique e Angola, onde ministrou oficinas de rádio e TV para os jovens africanos. Dois representantes de Moçambique também estiveram em Nova Olinda para conhecer presencialmente a experiência desenvolvida na cidade cearense. Assim, a comunicação entre os jovens, desde o início, foi mediada pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, assim como, pelos contatos e informações repassados pelos coordenadores das instituições envolvidas que conheceram a realidade dos outros países presencialmente.

Mídias sociais e programas de conversação são os meios de comunicação mais utilizados para as interações entre os jovens Nova Olindenses, de Moçambique e de Angola. Os mais citados foram o Skype, o MSN e o e-mail. Os primeiros dão suporte aos diálogos pré-agendados. O último é utilizado, principalmente, para envio de dados como pequenos programas, trilhas e mesmo para contatos interpessoais cujo conteúdo era voltado ao estabelecimento de uma rede virtual de amizades.

A cultura da internet se expande, em um movimento contínuo, em escala global, desde a década de 1990. Seu uso estabelece novas formas de interação, de

linguagens e de práticas sociais. Há uma quebra de paradigmas tradicionais, expandindo as noções de território e tempo, assim como, de relações de poder, visto que todos podem ser produtores de conteúdo. No entanto, as dinâmicas na rede mundial de computadores são complexas e baseadas em uma superposição de estruturas sociais:

A cultura da internet caracteriza-se por uma estrutura em quatro camadas: a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial. Juntas elas contribuem para uma ideologia da liberdade que é amplamente disseminada no mundo da internet. Essa ideologia, no entanto, não é uma cultura fundadora, porque não interage diretamente com o desenvolvimento do sistema tecnológico: há muitos usos para a liberdade. Essas camadas culturais estão hierarquicamente dispostas: a cultura meritocrática especifica-se como uma cultura hacker ao incorporar normas e costumes a redes de cooperação voltadas para projetos tecnológicos. A cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica. A cultura empresarial trabalha, ao lado da cultura hacker e da cultura comunitária, para difundir práticas da Internet em todos os domínios da sociedade como meio de ganhar dinheiro (CASTELLS, 2003, p. 34-35).

As interações na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa aparecem inseridas no contexto da cultura da Internet e balizadas pelo modelo comunicacional contemporâneo vigente, o qual está vinculado às relações que tem na sua base componentes associados a globalização comunicacional, a ligação em rede dos *media* e às crescentes formas de interatividade. Nos diálogos via skype e MSN, segundo as respostas, os recursos disponíveis eram utilizados em sua completude: áudio, vídeo e texto. Para o jovem H.F., as ferramentas virtuais de comunicação são fundamentais para a rede:

Se não tivesse essas ferramentas não teria acontecido nada. Cada vez mais a internet tem se apresentado para nós como importante, por isso também já temos página no youtube, estamos no twitter e queremos colocar a nossa rádio na web, mas a internet por satélite aqui é muito ruim. Muitos dos meninos não sabiam utilizar bem a internet, mas agora as coisas estão mudando (H.F., 2011).³⁴

É interessante observar que,

Sobre esta tendência de convergências e abertura cada vez maior para as mediações tecnológicas, Cardoso, Espanha e Araújo afirmam:

34 Entrevista concedida por H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará

Como seres sociais não usamos apenas um único *media* como fonte de comunicação, informação, ação e entretenimento, mas combinamo-los, usamo-los em rede. Só uma análise aprofundada das dietas de *media* pode revelar a complexidade dos nossos usos e representações da sociedade *através de e com os media*. Precisamos ir mais além para podermos compreender a mudança social na paisagem mediática e nas relações dos utilizadores de media no seu dia-a-dia, isto é, os novos processos de mediação que dão sentido a nossa realidade (CARDOSO; ESPANHA; ARAÚJO, 2009, p. 21).

Retornando aos resultados das entrevistas, foi possível perceber que o uso das tecnologias comunicacionais, de redes sociais virtuais e da convergência mediática faz parte do cotidiano dos jovens de Nova Olinda em diversas esferas. Quatro possuem computadores em casa e manejam diferentes sistemas operacionais (Mac, Linux e Windows); todos têm acesso diário à internet, via Fundação ou alguma *lan house*; os seis possuem blogs e perfis no Orkut e Facebook, além de utilizarem o MSN e o Gtalk para trocas instantâneas de mensagens. O uso do Skype, em especial, foi incentivado pela participação na Rede, mas não é muito popular, tendo sido utilizado poucas vezes pelos entrevistados.

No seu dia a dia, os jovens afirmam não sentir falta de equipamentos fotográficos, de vídeo, rádio ou mesmo dos conhecidos *Music Play* ou *Ipod*, uma vez que possuem celulares multifuncionais. Como afirma A.S. (2011): “Estes equipamentos mais profissionais tem aqui na Casa Grande para fazer os trabalhos. Mas hoje a gente não precisa mais ter um monte de equipamento se já tem um bom celular. Eu passo o dia ouvindo música e rádio pelo celular”.³⁵ O fenômeno está associado à mundialização da cultura, o que passa, impreterivelmente, pelo uso de TICs e *medias*.

Seria mais convincente compreender a mundialização como processo e totalidade. Processo que se reproduz e se desfaz incessantemente (como toda sociedade) no contexto das disputas e das aspirações divididas pelos atores sociais. Mas que se reveste, no caso que nos interessa, de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações. (...) O processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais. Para existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens, sem o que seria uma expressão abstrata das relações sociais (ORTIZ, 2000, p. 31)

35 Entrevista concedida por A.S., no dia 07 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

Não parece ser à toa que a Rede de Crianças e Adolescentes de Crianças Comunicadoras de Língua Portuguesa tenha investido em uma experiência solidarística entre países geograficamente distantes e com atores sociais que não dispõem de recursos financeiros para realizar viagens constantes. As TICs abrem espaços para interações que dificilmente seriam viáveis sem suas ferramentas. A dinâmica das redes também oferta possibilidades pela flexibilidade em um ambiente em contínua mudança. Mas nem tudo é concertação: pela sua própria estrutura sistêmica apresenta debilidades, que se ampliam dependendo do grau de complexidade que possuem.

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação das redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar em um ambiente em rápida mutação. É por isso que as redes estão proliferando em todos os domínios da economia e da sociedade (...). Contudo, apesar de suas vantagens em termos de flexibilidade, as redes tiveram tradicionalmente de lidar com um grande problema, em contraste com hierarquias centralizadas. Elas têm tido considerável dificuldade em coordenar funções, em concentrar recursos em metas específicas e em realizar uma dada tarefa dependendo do tamanho e da complexidade da rede (CASTELLS, 2003, p. 07).

Nem as tecnologias e nem mesmo as redes são redentoras. O fato dos jovens possuírem determinados bens materiais *hi tech* não significa que possuam plenas condições de uso. Ou seja, os celulares multifuncionais citados anteriormente, por exemplo, permitem acesso à internet e infintas possibilidades de interação via áudio, vídeo e mensagens, no entanto os planos para estes serviços, disponibilizados pelas operadoras de telefonia móvel são caros, o que os torna proibitivos para alguns contextos, em especial os populares. Assim, as novas configurações sociais estabelecidas no bojo da cultura da Internet também criam condições de exclusão.

La sociedad, concebida antes en términos de estratos y niveles, o distinguiéndose según identidades étnicas o nacionales, es pensada ahora bajo la metáfora de la red. Los incluidos son quienes están conectados, y sus otros son excluidos, quienes ven rotos sus vínculos al quedarse sin trabajo, sin casa, sin conexión. Estar marginado es estar desconectado (...) (CANCLINI, 2008, p. 73).

É na própria tecnologia que está a primeira dificuldade de comunicação com os jovens de outros países apontadas pelos entrevistados: são incipientes as condições de acesso à internet em Nova Olinda. Na cidade, a internet é via satélite e apresenta falhas constantes de conexão. H.F., ao falar sobre as formas de troca de produtos na Rede, aponta a fragilidade:

Eles nos enviam alguns programas pela internet, nós sempre enviamos produções de vídeo mas, no início, o contato era maior. Na maioria das vezes, agendávamos para que entrassem pela internet, ao vivo, no Papo Cabeça. Muita gente daqui passou a entender melhor a realidade dos países africanos e muito da nossa história, que também é a história dos negros africanos que vieram para o Brasil. Mas é muito difícil. A internet cai muito e depois a gente vai perdendo o ânimo. (H.F., 2010)³⁶

A Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa ao apostar nas TICs como a única forma de comunicação entre os jovens se tornou susceptível a descontinuidades e a problemas de funcionamento. A conjuntura de desigualdades no acesso à bens e serviços que envolve os jovens dos três países foi um ponto de mobilização – uma vez que o objetivo da articulação é fortalecer experiências para superação deste quadro, estimulando o protagonismo juvenil -, mas também de dispersão e enfraquecimento da iniciativa, visto que a requerida inclusão digital não é plena por empecilhos estruturais.

As respostas dos entrevistados reiteram que as mediações tecnológicas são importantes, mas cumprem um papel complementar. As estratégias presenciais de interação parecem ser imprescindíveis para a formação de laços de solidariedade e cooperação que caracterizam as redes sociais.

Para alguns momentos as tecnologias são boas, mas os encontros presenciais são mais importantes, eu acho. Trocar figurinhas de perto é mais fácil e mais legal (H.F., 2011)³⁷.

Eu acho que a internet não substitui os encontros presenciais, acho que complementa. Você pode conversar com uma pessoa pela internet, mas nunca saberá se ela é como realmente quer dizer que é. Por uns minutos ou por um chat qualquer um pode mentir, fingir ser outra pessoa que nunca saberemos qual é a verdade. O fato da internet nos deixar menos distantes não significa que estejamos perto (J.A., 2011)³⁸.

36 Entrevista concedida por H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

37 Entrevista concedida por H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

38 Entrevista concedida por J.A. no dia 08 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

É interessante observar que para o sucesso de uma empreitada como a de formação de um coletivo internacional de jovens outros fatores devem se somar à disponibilidade de mediações tecnológicas. Outras dinâmicas da rede foram apontadas pelos jovens como fragilidades que, aos poucos, parecem ter diminuído os contatos entre os países. Dentre estas: os horários para os encontros eram previamente acordados, mas não havia uma periodicidade estabelecida, nem uma pauta de reunião; e, apesar de todos falarem português, as variações do idioma exigiam a mediação de uma tradutora.

Acho que foi difícil me comunicar com eles. A internet caía muito, eu queria utilizar o vídeo do skype, mas a conexão ficava pior ainda. Muitas vezes não entendia o que estavam falando... se não fosse a tradutora... e também ficava assim de falar com uma pessoa que nunca vi de perto. O que eu ia dizer de importante para eles? (V.M., 2011)³⁹.

A fala dos jovens nos aponta que Rede tem estruturas frágeis. Ao responder o roteiro de entrevistas, eles pareceram mais seguros em definir o trabalho da Fundação Casa Grande, com a qual estabeleceram um forte sentimento de pertença, do que em descrever o da Rede. Os jovens não aparecem como propulsores da iniciativa – que foi gestada desde um órgão de cooperação internacional -, nem como principais gestores das pautas da mesma. Mais aparentam estar na posição passiva de beneficiários de uma ação do que como promotores dela. A identidade, considerada “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto” (SOVIK *in* HALL, 2008, p. 15), parece ser condição *sine qua non* para a articulação de forças de um determinado grupo social. Aparentemente, faltou este componente de sentir-se partícipe, responsável pela continuidade e pela funcionalidade da Rede.

Ainda que frágil, esta primeira inserção dos jovens em uma rede movimentalista internacional reconfigurou algumas formas de produzir programas e de interagir com as novas tecnologias de informação e comunicação, aguçando o interesse por estar, de forma ativa, inseridos nas páginas da rede mundial de computadores. As apropriações foram multidirecionais, impactando em distintas frentes nas vidas dos jovens como observaremos a seguir.

39 Entrevista concedida por V.M. no dia 07 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

4.3. As apropriações da experiência com o coletivo internacional por parte dos jovens

As aprendizagens e apropriações de ferramentas oriundas da dinâmica da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa observadas parecem estar organizadas em três níveis que se complementam e se fundem em grande parte das respostas: o pessoal, vinculado às práticas cotidianas e perspectivas de futuro dos jovens; o profissional, fortemente associado às ações na Fundação Casa Grande; e o comunitário, que diz respeito ao impacto no desenvolvimento local de Nova Olinda.

4.3.1. Primeira esfera de apropriação: pessoal

Os seis jovens, ao responderem uma pergunta aberta sobre as aprendizagens advindas do contato com a rede internacional, foram unânimes ao remeter as primeiras respostas para a esfera pessoal. O contato com a juventude de outros países alimentou a vontade de conhecer outros lugares, se contrapondo às limitações financeiras e estruturais impostas aos contextos mais pobres e nas áreas rurais.

Conversar com gente de outros lugares me colocou em sintonia com o mundo. Eu sei que futuramente também vou conhecer outros países e saber outras línguas. Por enquanto, vou pesquisando na Internet características dos países. A gente fica muito isolado em saber a vida do vizinho, mas eu quero agora é saber mais do que isso (J.A., 2011)⁴⁰.

O intercâmbio com pessoas de outros países é um momento de aprendizagem. Foi a partir deste momento que eu vi o quanto ainda precisava me desenvolver, conhecer outras realidades e melhorar meus conhecimentos. Até ao produzir vídeo para a Rede aprendi uma coisa que me ajudou no vestibular. Um dos materiais que editei, tinha um menino de Moçambique explicando como fazer uma resenha. Da forma como ele falava era tão simples. Nunca gostei de Português porque é chato, mas a forma que ele falava era legal e, seis meses depois, usei esse aprendizado no vestibular (H.F., 2011)⁴¹.

Vi que é possível ir pro mundo sem sair da minha cidade. Para onde eu vou, levo a cultura de Nova Olinda, apresento como são as pessoas daqui e o que elas fazem. Quero viajar muito, fazer muitas apresentações com a Banda, mas nem penso em sair daqui (S.S., 2011)⁴².

40 Entrevista concedida por J.A. no dia 08 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

41 Entrevista concedida por H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

42 Entrevista concedida por S.S. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

As respostas ilustram o desejo de participar da conjuntura global em condições de igualdade com os demais jovens. São projeções individuais que evidenciam o reordenamento das demandas da juventude rural, ainda que convivam entre estruturas tradicionais com sólidas bases culturais e as maleáveis e incertas teias da sociedade pós-moderna. Segundo Castro, esta é a característica de uma juventude “que ainda se confronta com preconceitos das imagens ‘urbanas’ sobre o campo, mas que se apresenta longe do isolamento, que quer dialogar com o mundo globalizado reconstruindo e revalorizando sua identidade rural” (CASTRO, 2008, p. 27).

O contato com contextos históricos e políticos diferentes também se mostrou como ponto de partida para reflexões sobre suas próprias conjunturas e possibilidades de intervenção sobre o real:

Me impressionou a história das guerras e dos campos minados que matam e deixam, ainda hoje, milhares de pessoas deficientes. É diferente estudar sobre isso e ouvir os meninos de lá falarem. A gente pensa que é um dos países mais subdesenvolvidos, com a maior corrupção do mundo, e de repente vemos que há lugares onde até a liberdade de expressão não existe. Isso é tão diferente do que a gente vive. Temos problemas, mas são muito diferentes (A.S., 2010)⁴³.

Além das projeções individuais, um dos jovens está articulando a formação de uma rede de blogueiros, integrada por alunos da Escola Estadual Padre Luiz Fiugueiras. A iniciativa extrapola os muros da Fundação Casa Grande e pretende criar um espaço para discussão virtual sobre temas diversos que envolvam a juventude. O citado entrevistado é um dos que manteve mais contatos com os jovens de outros países e coordena o núcleo de informática e a Editora Casa Grande.

Esse negócio da Rede fez ver que a inclusão digital só existe se a gente tiver preparado para lidar com ela e muita gente já está. Lá na escola, pelo menos nove meninos têm blog, por isso, a gente quer criar uma rede, com logotipo que nos identifique e tudo. Vai ser mais fácil dizer o que a gente pensa (J.A., 2011)⁴⁴.

Tal resposta reafirma o que os pesquisadores sobre Ruralidades chamam de dissolução das fronteiras entre o “rural” e o “urbano”. Há uma fusão de tempos, de

43 Entrevista concedida por A.S. no dia 09 de janeiro de 2010, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

44 Entrevista concedida por J.A. no dia 09 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

necessidades e de comportamentos que fazem parte da juventude, independentemente do lugar onde vivam. O que não significa, necessariamente, uma massificação de comportamentos, mas o estabelecimento de tendências que são seguidas pelos jovens e readaptadas às suas realidades locais.

Nessa perspectiva, entende-se que a expansão da sociedade urbano-industrial e as transformações por ela engendradas no campo não implicam obrigatoriamente na descaracterização das culturas locais, ou tradicionais, mas na redefinição ou reelaboração de práticas e códigos culturais, a partir da relação de alteridade com o que é reconhecido como “de fora”, de maneira a poder consolidar a identidade local com base no sentimento de pertencimento a uma dada localidade (CARNEIRO, 1998, p. 67).

Nas respostas é evidenciado que a Rede possibilitou uma maior aproximação com as tecnologias da informação e comunicação, assim como, com identidades culturais plurais. Estas interferem nas formas de observar o mundo, o seu entorno e avaliar suas projeções de futuro. Nenhum expressou o desejo de sair definitivamente da cidade, mas querem viajar, explorar novos territórios. Ao conhecer realidades mais contingentes do que as suas, afirmam o seu papel de contribuir, de forma solidária, com outros jovens: “Como costumamos dizer aqui, a gente se sente mais cidadão participando dessas redes e pode exercer esse papel, ajudando outros jovens a manterem os trabalhos nas suas comunidades” (V.M., 2011)⁴⁵.

Como salienta Yves Winkin, ainda que em termos de conteúdos as trocas mediadas pelas TICs sejam incipientes, as relações estabelecidas entre os sujeitos reconfiguram importantes características do cotidiano dos envolvidos:

Ainda que uma troca de mensagens eletrônicas entre um escolar italiano e um inglês seja bastante “nula” informacionalmente falando, a relação que se trava não o será jamais. As duas crianças aprendem a “dar, receber, devolver”: estas são as bases da vida em sociedade. Lutar contra o domínio da utopia da comunicação sobre as NTIC não consiste em minimizar o papel societal destas últimas; pelo contrário, trata-se de mostrar, a partir de estudos muito concretos, como as NTIC contribuem para a instauração de uma outra dinâmica em diferentes ambientes de trabalho coletivo – mas não se trata jamais de lhes conferir o papel do mago de Merlin (WINKIN, 1998, p. 202).

O estabelecimento e a ativação de formas solidarísticas de participação social como a analisada nesta dissertação transcendem os limites impostos pelas mediações tecnológicas que, como vimos, dependem de outros fatores, difíceis de

45 Entrevista concedida por V.M. no dia 07 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

ser acessados em contextos populares.

4.3.2. Segunda esfera de apropriação: profissional

No campo profissional, o estímulo ao contato exacerbado com as TICs através da Rede modificou as formas de produzir programas de rádio na Casa Grande FM e alterou as paisagens da comunicação institucional da Fundação Casa Grande. A rádio não possui uma grade programática fechada, o que facilitou a incorporação de entrevistas ao vivo, via skype, que até o estabelecimento da rede internacional não eram realizados.

Não é fácil seguir todas as novidades da Internet, mas é importante incorporar algumas. As redes internacionais criam novas demandas que a gente precisa saber como atender. Por isso, passamos a utilizar computadores e software mais modernos que tem mais interatividade. Mas, agora, o nosso grande desafio não é trazer as tecnologias até a rádio é levar a Casa Grande FM para a Internet (A.L., 2010).

Esta tendência de ampliação das audiências da rádio faz parte de uma série de mudanças na dinâmica da comunicação institucional que estão se estabelecendo. Os jovens reformularam o site da Fundação Casa Grande, criaram um canal para veicular as produções do laboratório de TV no Youtube, são uma comunidade no mais popular site de relacionamentos do Brasil, o Orkut, e agora, divulgam ações institucionais via Twitter.

A nova demanda pode ser contextualizada no investimento que a ONG tem feito para se manter em contato com outras redes sociais internacionais, divulgando as produções e estabelecendo parcerias que contribuam para a sustentabilidade do projeto social. A partir da Rede de Crianças e Adolescentes de Comunicadores de Língua Portuguesa, a Fundação se inseriu em outros coletivos internacionais como: a Rede de Produtores Culturais Híbridos, reunindo artistas de Moçambique, Angola, Portugal e quatro estados brasileiros; a Rede Internacional de Turismo Solidário, que dá suporte a Cooperativa de Pais e Amigos da Fundação Casa Grande, entre outros.

Estamos inseridos nas redes e trazendo elas até a cidade. Já realizamos eventos como a Mostra de Países de Língua Portuguesa, com artistas, músicos do Brasil, Angola e Moçambique, aqui no Teatro Violeta Arraes. Vieram pessoas de vários países e diversas partes do país para participar. Movimentou a cidade e as ideias da menina. Depois, projetamos e conseguimos consolidar a criação

do Coletivo (grupo de músicos e produtores culturais de língua portuguesa). Participamos de exposições em três países, além de várias palestras. Os meninos mesmo contam como fazem e o que fazem por aqui. Somos operários na construção dos alicerces deste projeto maior. Estamos preocupados em continuar este trabalho e fazer com que este brilho resplandeça em todo o nosso entorno. (QUINDINS, 2010)⁴⁶

O repertório musical da Rádio Casa Grande FM e da Banda incluíram estilos angolanos e de Moçambique. Esta incorporação foi progressiva, tendo sido iniciada durante pela Rede e aprofundada pelos intercâmbios com a Rede de Produtores Culturais Híbridos. Nos quartos das pousadas domiciliares mantidas pela Coopagran, os turistas têm a opção de conhecer um pouco deste acervo, através da exposição de DVDs e CDs que podem ser assistidos/ouvidos no local.

Os programas de rádio não seguem um padrão, mas posso dizer que os contatos com os meninos da África mudou a nossa grade musical. A gente toca muita música de bandas da Inglaterra, da Itália, mas a gente acordou para não ficar sempre nesta linha de música. Aí, incluímos músicas de Moçambique, Angola e depois do contato com as outras redes, também incluímos música portuguesa (H.F., 2011)⁴⁷.

A articulação em redes movimentalistas internacionais conquistou expressividade no início da década de 1990 e seu peso se amplia. As entidades da sociedade civil afirmam que é uma forma de assegurar sua existência, fortalecendo a bandeira de luta em torno da qual se organizam (GOHN, 2010). As rupturas e incertezas da líquida sociedade pós-moderna estão arraigadas nos contornos sociais. Um dos reflexos destas nos movimentos sociais é a fragmentação das causas em torno de perspectivas menos macro-políticas e mais identitárias.

A sociedade civil organizada passou a orientar suas ações coletivas e associações por outros eixos – focada menos nos pressupostos ideológicos e políticos – predominantes nos movimentos sociais dos anos de 1970 e 1980 e mais nos vínculos sociais comunitários, organizados segundo critérios de cor, raça, idade, gênero, habilidades e capacidades humanas. Destas articulações surgem as redes sociais e temáticas, organizadas segundo gênero, faixas etárias, questões ecológicas e socioambientais, étnicas, raciais, religiosas, etc., além dos fóruns, conselhos, câmaras etc., que compõem o novo quadro do associativismo brasileiro (GOHN, 2010, p. 12)

Esta reconfiguração se amplifica quando se tratam das redes internacionais,

46 Entrevista concedida pelo coordenador da Fundação Casa Grande, Alemberg Quindins, no dia 08 de janeiro de 2010.

47 Entrevista concedida por H.F. no dia 06 de janeiro de 2011, na cidade de Nova Olinda, Ceará.

visto que tratam de mobilizar vínculos solidarísticos em esfera planetária, agregando sujeitos sociais de realidades diversas, que apesar das suas semelhanças identitárias (o fato de serem mulheres, negros, jovens e indígenas) convivem com peculiaridades do seu entorno. Trata-se de uma negociação onde o global não pode prescindir do local. Como assinala Stuart Hall: “Hoje em dia, o ‘meramente’ local e global estão atados um ao outro, não porque este último seja o manejo local dos efeitos essencialmente globais, mas porque cada um é a condição de existência do outro” (HALL, 2008, p. 44). Quanto mais diversa é a composição da rede, mais o local deve ser tomado como ponto de partida para a criação de estratégias de funcionamento e manutenção da iniciativa.

A Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa, como analisamos anteriormente, parece ter caído nas armadilhas desta relação global-local, endossando a feitiçização das TICs. No entanto, no âmbito das atividades desenvolvidas pelos jovens dentro e fora da Fundação Casa Grande, abriu um leque de possibilidades de intervenção e também fez refletir sobre as complexas relações que rodeiam o uso das mediações tecnológicas.

4.3.3. Terceira esfera de apropriação: a comunitária

Aparentemente, a participação na Rede em si não impactou no local, mas é possível inferir que as apropriações das duas esferas anteriores tiveram rebatimento sobre a cidade. O fato de passarem a integrar coletivos internacionais, promoverem nacional e internacionalmente os trabalhos desenvolvidos pelos jovens, juntamente com a realização de eventos na cidade, ampliou a visibilidade da região e o número de turistas. Estes, por sua vez, criaram demandas específicas de recepção e infraestrutura, que respondidas pela comunidade local e pela gestão pública, são revertidos em geração de emprego, renda e serviços públicos.

Nos últimos oito anos, a Coopagran aumentou o número de cooperados em 30% e há dois anos recebeu um prêmio do Ministério do Turismo como uma das 70 cidades brasileiras indutoras do turismo social e comunitário. O reconhecimento lançou bases para outras captações de recursos e para mais investimento na cidade:

Com o apoio do Ministério do Turismo vamos levar uma mostra sobre

a Casa Grande e a região do Cariri Cearense para três países europeus. Isso vai se reverter em mais benefícios para a cidade. O prefeito também já veio conversar com a gente porque vai ter que investir em sinalização e na estruturação mesmo da cidade (A.S., 2011).

A gestão municipal não dispõe de dados que permitam verificar de forma oficial o impacto desta movimentação de turistas no local. Contudo é possível observar mudanças significativas na cidade - se comparadas a 2004, quando desenvolvemos a primeira pesquisa no município (LIMA, 2004) – da diversificação dos estabelecimentos comerciais, com a criação de um espaço de promoção do artesanato (a Tapera Cultural), a instalação de algumas placas que facilitam o acesso à Casa Grande e a outros empreendimentos como a oficina do artesão Expedito Seleiro, entre outros. Entendemos este movimento como ativação de capacidades endógenas para promoção do bem-estar social.

O desenvolvimento local é entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, criando oportunidades de trabalho e de renda, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local (JESUS, 2007, p.25).

É interessante observar que a promoção do desenvolvimento local é um movimento processual. Este requer, para além da participação em uma rede, uma articulação de potencialidades em diferentes frentes, de adaptações aos novos contextos globais, mas também de valorização do local. Assim, os desafios para a implementação deste novo modelo de desenvolvimento são vários e de distintas naturezas, mas têm em comum a urgência da reflexão sobre os valores vigentes, as formas de articulação comunitária, o papel dos animadores sociais e de formação das comunidades para se inserirem em uma lógica globalizante de forma resistente e produtiva.

A experiência da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa aportou aos âmbitos pessoal, profissional e mesmo comunitário que a dialogicidade dos processos comunicacionais e de desenvolvimento depende da multidirecionalidade das estratégias de intervenção e do entendimento que, em sociedades complexas e que tendem a buscar a planetarização, estabelecer conexões entre grupos sociais depende tanto das ferramentas disponíveis quanto das costuras identitárias que o sentimento de pertença dos envolvidos estejam dispostos a estabelecer.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa analisou as apropriações das propostas da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa pelos jovens de Nova Olinda, no sertão do Cariri cearense. Mais especificamente, o estudo buscou compreender como eles se apropriam de uma proposta que defende o desenvolvimento local via estratégias de comunicação desenvolvidas em uma rede social globalizada.

Inseridos nas teias da sociedade da informação, os jovens participam de redes sociais virtuais e movimentalistas internacionais, ansiando a ampliação dos horizontes profissionais para além das tradicionais atividades rurais. A pesquisa procurou entender: como se articulam a participação na Rede e as produções cotidianas da Rádio Casa Grande FM, principal veículo de comunicação institucional; o papel das mediações tecnológicas nas interações entre jovens de três países, com realidades distintas, mas que convivem em cenários de similares contingências; e, por fim, como se articulam as estratégias da Rede com as da Fundação Casa Grande na promoção do desenvolvimento local de Nova Olinda.

A partir dos questionamentos, foi possível identificar as seguintes inferências sobre a participação e as apropriações dos jovens em redes globalizadas:

a) Apropriações das propostas da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa por parte dos jovens de Nova Olinda

O referencial teórico aponta que a cultura da Internet promoveu uma redefinição dos padrões de interação entre diferentes partes do mundo, estimulando a adoção de novas linguagens e alterando os conceitos de tempo e espaço. Neste contexto, as redes são consideradas as mais adequadas metáforas do atual sistema: um conjunto de nós interconectados, flexíveis e adaptáveis às constantes mudanças, mas que apresentam dificuldades de funcionamento na medida em que sua composição se diversifica. Esta concepção fica evidente na pesquisa, através dos vários resultados que foram constatados:

- A participação em uma rede social global, que adotou a comunicação virtual como principal forma de diálogo entre seus participantes, ampliou os usos das

Tecnologias de Informação e Comunicação nas esferas pessoal e profissional dos jovens;

- Apesar do cenário de desigualdade no acesso às tecnologias, os entrevistados nesta pesquisa ampliaram, nos últimos oito anos, a sua rede de relacionamentos e interações sociais mediadas tecnologicamente. Isto se deve à inserção em redes sociais virtuais como Orkut e MSN, assim como, pela participação em outras redes movimentadas internacionais;
- Os jovens estão trabalhando diretamente com as TICs, operando diversas linguagens operacionais (Windows, Linux, Mac) e softwares para produzir programas de rádios e documentários, entre outros;
- A inserção na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa ampliou o desejo de conhecer novas culturas e viajar, influenciando na decisão de continuar atuando com produções na área de comunicação;
- No manejo da programação da Rádio Casa Grande FM também foram inseridas novos programas virtuais que permitam maior interatividade e entrevistas, como o uso do Skype;
- A grade de programação radiofônica, a qual está muito associada às músicas, em especial a MPB, *Jazz* e *Blues*, ampliou o repertório musical através da incorporação de gêneros de Angola e Moçambique;
- A partir da experiência de intercâmbio com outros países, os jovens utilizam a Internet como forma de divulgação de suas produções e trabalhos principalmente via Youtube, Twitter e Site institucional;
- O conjunto das apropriações possibilita identificar que as mudanças empreendidas a partir da experiência estão mais vinculadas às formas de interagir com outros jovens e com o mundo do que aos conteúdos que estes contatos proporcionam.

As apropriações dos jovens e os novos usos que fazem das interações com outros países também impactou na comunidade em que vivem. Os jovens relatam que o estabelecimento de uma linha de trabalho com foco na participação em coletivos internacionais incentivou a realização de eventos em Nova Olinda, como mostras artísticas, que ampliaram a visibilidade do município e o número de turistas.

Este dado fez com que o Ministério do Turismo concedesse, em 2009, o título de Cidade Indutora do Turismo Social e Comunitário. Por sua vez, disto derivam mais recursos para a gestão local investir em sinalização e organização de espaços para comercialização de artesanato, bem como, investimentos para dar visibilidade à região do Cariri Cearense.

Através de uma parceria com o SESC estão sendo oferecidos cursos de empreendedorismo e gestão hoteleira. Parece existir um esforço concentrado para mobilizar capacidades endógenas a fim de melhorar a qualidade dos serviços prestados pela população local, gerando renda e melhores condições de vida. É possível, no entanto, observar que isto não é resultado apenas dos trabalhos com a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa. Trata-se de um movimento processual de articulação de forças da comunidade e de fora dela. A Rede pode ter aberto caminhos para este fantástico mundo novo, mas não é a única responsável pelos resultados alcançados.

b) O papel das Tecnologias de Informação e Comunicação e as experiências dos jovens

A ampliação dos usos das novas Tecnologias da Informação e Comunicação se apresentou, ao longo da pesquisa como a principal apropriação dos jovens da experiência de participar de uma rede internacional. As TICs surgem no bojo da difusão da cultura da Internet e das redes sociais. Mais do que facilitar fluxos de comunicação, elas se revelaram como sinônimo de inclusão social e de dissolução das fronteiras, que no imaginário, separam o espaço rural e o espaço urbano.

A difusão da Internet gerou novas demandas para as sociedades. As respostas dos jovens evidenciaram que a inserção na rede mundial de computadores é a atual meta da Rádio Casa Grande FM, mas também outras iniciativas se desdobram no sentido de ampliar as suas participações na web, como a criação de uma rede de blogueiros na cidade. A busca de novos públicos, de expansão da visibilidade de suas produções e de si mesmo fazem parte deste contexto de globalização. O estar no mundo e exercer a cidadania parece se traduzir, em grande medida, em estar conectado.

Por outro lado, a posse de um *hardware* ou de um aparelho eletro-eletrônico e

o conhecimento sobre manejo de *softwares* não significam, necessariamente, que estão presentes as plenas possibilidades de uso das novas tecnologias. Em cenários contingentes como o de Nova Olinda (e mesmo dos jovens de Moçambique e Angola), ao que parece, o acesso aos serviços de Internet ainda não se completou. A qualidade do sinal é baixa e os serviços são caros.

As TICs foram a aposta de viabilidade da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa, uma vez que seriam necessários altas somas – não existentes - para possibilitar os encontros presenciais. No entanto, estes fatores conjunturais dos países e localidades envolvidas parecem não ter sido considerados, o que fragilizou as bases da intervenção. O mesmo cenário de contingências que estimulou a formação de um coletivo internacional de jovens comunicadores parece ter sido um dos principais responsáveis pelo enfraquecimento da iniciativa. Em conjunturas de extremas desigualdades no acesso à bens e serviços como as de Brasil, de Angola e de Moçambique, existe o latente desejo de compartilhar das linguagens comuns na sociedade globalizada, mas o uso pleno das mediações tecnológicas e convergências digitais ainda está centralizado em alguns grupos sociais e territoriais.

c) Juventude rural em redes globais

O paradigma das redes sociais está assentado nas bases da Sociedade da Informação, a qual exige flexibilidade de adaptação às constantes e rápidas mutações que acontecem no mundo. O surgimento das redes de movimentos sociais internacionais também se fortalece em um período histórico, no qual a velocidade dos fluxos comunicacionais e das trocas materiais e simbólicas, começa a se consolidar nos países. Estas articulações globais vêm atender a uma demanda distinta daquelas dos anos de 1970 e 1980, voltadas para questões mais de cunho ideológico. Atualmente, acham-se associada à emergência de identidades fragmentadas, as organizações da sociedade civil se debruçam sobre causas específicas a determinados grupos sociais (mulheres, indígenas, negros, jovens, etc).

A formação destes coletivos internacionais, como salienta Maria da Glória Gohn, está articulada a estratégias de fortalecimento das causas sociais com as

quais estão envolvidos, assim como, à sustentabilidade das organizações que os integram. A Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa está alinhada a esta perspectiva e foi criada a partir da demanda de um financiador, o UNICEF, que viu na conjunção das experiências dos três países, uma possibilidade de fortalecer experiências locais.

Nas respostas dos jovens ficou evidente o pouco conhecimento sobre a coordenação da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa e um distanciamento em termos de envolvimento na iniciativa. O direcionamento das ações da rede, desde a criação, esteve distante do público que envolve, os próprios jovens. Tratados como público-alvo, parecem esperar as coordenadas para agir, diferentemente das atitudes que têm frente às atividades da Fundação Casa Grande, onde se apresentam engajados e pró-ativos.

Por isso, foi possível verificar que em conjunturas complexas, como as que envolvem sujeitos de contextos sócio-culturais e políticos distintos, as estratégias de funcionamento destas redes precisam se adaptar aos contextos locais, sob o risco de adotar uma única ferramenta de interação (como as TICs) e fragilizar a iniciativa. Também se evidenciou que a formação de um coletivo de sujeitos, como uma rede, precisa partir do interesse dos mesmos e envolver um sentimento de pertença do conjunto, o qual pode estar associado a fatores identitários ou afinidades, além de mobilizar forças endógenas.

As redes sociais são construções humanas e por isso, devem considerar as culturas, a complexidade dos contextos e dos sujeitos envolvidos em suas teias. As redes globais precisam contar, desde o início e em suas estratégias, com os elementos locais em um movimento de retroalimentação, se quiserem se manter fortalecidas.

d) Considerações sobre redes sociais, juventude rural e desenvolvimento local

O itinerário teórico-metodológico adotado para a realização deste estudo, na abordagem dos estudos culturais, mostrou-se de suma importância para a compreensão das apropriações das propostas de uma rede social internacional por parte dos jovens rurais de Nova Olinda.

A pesquisa permitiu conhecer e entender a conjuntura destes jovens e suas

interações sociais com garotos e garotas de outros países, mediadas por tecnologias. Constatamos que os jovens rurais entrevistados fazem um intenso uso de tecnologias da informação e comunicação no seu cotidiano e trabalho, mas para a organização política em torno de redes sociais, outros fatores culturais, identitários e conjunturais devem se sobressair. O estudo nos proporcionou a compreensão de que o cenário de contingências e desigualdades no qual vivem dificulta o pleno uso das TICs e, portanto, as interações via tecnologias ainda são instáveis. Fazer parte das redes sociais aparece como sinônimo de inclusão, mas para coletivos globais os incluírem precisa considerar, em suas estratégias de funcionamento, as realidades locais.

Dentre os achados nesta perspectiva da participação de jovens rurais em redes sociais globais está o reforço à desmitificação do uso das tecnologias e da Internet como redentoras, promotoras da inclusão e da participação social da juventude, como apontado na pesquisa “Inclusão Digital, Inclusão Social?” (2009), coordenado pela pesquisadora Maria Salett Tauk Santos. Este cenário de novas demandas de inclusão digital por estarem associadas à promessa de inclusão social e de organização política nos contextos rurais requerem uma maior vigilância epistemológica acerca de suas possibilidades e resultados, pois trata-se de uma nova realidade que apresenta poucos estudos, principalmente no que se refere as interações local e global, através de redes sociais, da juventude rural.

Acreditamos que esta pesquisa pode contribuir para a compreensão dos contextos da juventude rural na contemporaneidade, pois saber como estão interagindo estes sujeitos sociais com as redes sociais e seus embates com as mediações tecnológicas e cultura hegemônica é uma preocupação do Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, através de seus pesquisadores que vêm se empenhando na construção de conhecimentos sobre esta temática, na medida em que a Extensão Rural contemporânea volta-se para os jovens de contextos populares rurais. O conhecimento de como estes jovens interagem com as tecnologias a fim de fortalecerem suas atuações e representatividade local é de fundamental importância para os estudos da Extensão Rural, visto que a Política Nacional de Juventude e a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) estão empenhadas com a difusão dos telecentros como forma de inclusão digital e social.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Juventude e agricultura familiar**: desafio dos novos padrões. Brasília: Unesco, 1998.
- BAUER, Martin W.; GASKELL (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.
- CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Comunicação Rural e Era Tecnológica**: um tema de abertura in CALLOU, Angelo Brás Fernandes. *Comunicação Rural e Era Tecnológica* (org). Recife: Imprensa Universitária, 2000. p. 09-19.
- CALLOU, Ângelo Brás Fernandes; TAUK SANTOS, Maria Salett; GEHLEN, Vitória Régia Fernandes (Org). **Comunicação, gênero e cultura em comunidades pesqueiras contemporâneas**. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguales y desconectados**: mapas de la interculturalidad. Barcelona (Espanha): Gedisa Editorial, 2008.
- CARDOSO, Gustavo; ESPANHA, Rita; ARAÚJO, Vera. **Da comunicação de massa à comunicação em rede**. Porto: Porto Editora, 2009.
- CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade**: novas identidades em construção. In: Estudos, Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n.11, p. 53-75, 1998.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural, uma luta cotidiana**. In: Ciências humanas e sociais em Revista. Rio de Janeiro: Edur, v. 30, n. 2, jul-dez, p.25-31, 2008.
- CENTRO DE DEFESA DA VIDA HEBERT DE SOUZA. **Nova Olinda** (Coleção de Desenvolvimento Local). Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.
- DEMO, Pedro. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- DIAS, Leila Christina. **Os sentidos da rede**: notas para uma discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (ORG). *Redes, sociedades e territórios*. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 11 – 28.
- DOIMO, Ana Maria; MITRE, Maya; MAIA, Rousiley. **Movimentos sociais, internet e novos espaços públicos**: o caso do DH Net. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (ORG). *Redes, sociedades e territórios*. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 107 – 130.

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 19. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FRANCO, Augusto de. **O padrão de rede**. *In: Capital Social: leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levy*. Instituto de Política. Millennium, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2009.
- GARRETÓN, Manuel Antonio (Org). **Espacio cultural latinoamericano: bases para uma política cultural de integración**. Santiago, Chile: Fondo de Cultura Económica, 2003. 328p.
- GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GODOY, Arlida Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. *In: Revista de Administração de Empresas*. v.35. n.2. São Paulo: RAE, 1995.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. **Travesías de la recepción en América Latina**. *In: GÓMEZ, Guillermo Orozco. Recepción y mediaciones*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002. p. 15-24.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. México: Universidad Nacional de la Plata, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- JARA, Carlos Julio. **As Dimensões Intangíveis do Desenvolvimento Sustentável**. Brasília: IICA, 2001. p. 99-121.
- JESUS. Paulo de. **Sobre desenvolvimento local e sustentável: algumas considerações conceituais e suas implicações em projetos de pesquisa**. *In: FILHO, Adalberto do Rego Maciel; PEDROSA, Ivo Vasconcelos; ASSUNÇÃO, Luiz Márcio de Oliveira (Org.) Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável*. Recife: EDUPE, 2007. p. 17-37.
- LAMAS, Martha. **La antropología feminista y la categoría “género”**. *In: Lamas Marta (Org.): El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. Cidade do México: PUEG, UNAM, 1996. p. 111-125.
- LIMA, Nataly de Queiroz. **Comunicação e políticas públicas: um estudo de caso da Fundação Casa Grande**. 2004. Monografia (Graduação em Comunicação Social habilitação em Jornalismo) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Explorações metodológicas num estudo de recepção de telenovela.** In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Temas contemporâneos em comunicação. São Paulo: Edicon/Intercom, 1997.

MALDONADO, A. Efendy. **La investigación de la comunicación en América Latina y las estrategias transmetodológicas para su avance epistemológico y socioeducativo.** In: VALAREZO, Alberro Pereira (ed.). La investigación de la comunicación en América Latina. Quito: Fondo editorial FACSO-UCE, 2010. p. 19-38.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza em São Paulo.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural.** In: MORAES, Dênis (org). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. p. 57-86.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens.** In: BORELLI, Silvia H.S.; FILHO, João Freire. Culturas juvenis no século XXI. São Paulo: Educ, 2008. p. 9 – 32.

MORIN, Edgar. **Uma mundialização plural.** In: MORAES, Dênis (org). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. p. 349 – 366.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

RUBIM, Antonio A. Canelas. **Contemporaneidade, (idade) mídia e democracia.** In: DOWBOR, Ladislau *et al* (org). Desafios da comunicação. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 79-92.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000. 196 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa; NUNES, João Arriscado. **Introdução:** para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cospopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 25-68.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** In: SANTOS, Boaventura Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cospopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 427-461.

SCOTT, Joan. **El género:** una categoría útil para el análisis histórico. In: Lamas Marta (Org.): El género: la construcción cultural de la diferencia sexual. Cidade do México: PUEG, UNAM, 1996. p. 289-302.

SHERER-WARREN, Ilse. **Redes sociais**: trajetórias e fronteiras. *In*: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (ORG). Redes, sociedades e territórios. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 29 – 50.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Complexo agroindustrial, rede e território**. *In*: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima (ORG). Redes, sociedades e territórios. 2.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007. p. 215-255.

TAUK SANTOS, Maria Salett. **Gestão da comunicação no desenvolvimento Regional**. *In*: Comunicação & Educação/São Paulo (11): 29 a 34, jan./abr. 1998.

TAUK SANTOS, Maria Salett; NASCIMENTO, Marta Rocha do. **Desvendando o mapa noturno: análise da perspectiva das mediações nos estudos de recepção**. *In*: SOUSA, Mauro Wilton de (org.). Recepção mediática e espaços públicos: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 105-118.

TAUK SANTOS, Maria Salett. **Inclusão digital, inclusão social?** Usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares. Recife: UFRPE, 2009. 256p.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula, 2ª. ed. Campina/SP: Autores Associados, 2003

VIZER, Eduardo. **Movimentos sociais**: novas tecnologias para novas militâncias. *In*: FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo. Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivo em ação. São Paulo: Paulus, 2007. p. 23 – 52.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco**: que sonhos para o futuro. *IN*: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude Rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 21-34.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CENSO ESCOLAR. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?nomemun=Nova%20Olinda&codmun=230920&tema=educa&desc=Ensino%20-20n%E3o%20h%E1%20ocorr%EAncia%20da%20vari%E1vel.&uf=ce&r=2#>. Acesso em: 03 de agosto de 2010, às 10h30.

COMITÊ PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMÁTICA. Disponível em:

http://www.cdi.org.br/notes/cenarios_da_exclusao. Acesso em: 04 de dezembro de 2009, às 18h45.

FUNDAÇÃO CASA GRANDE. Disponível em:

<http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>. Acesso em 24 de fevereiro de 2010, às 8h43.

HISTÓRICO DA CIDADE DE NOVA OLINDA. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 22 de outubro de 2010, às 13h16.

RESULTADOS INICIAIS DO CENSO 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/censo2010/resultados_do_censo2010.php>. Acesso em: 09 de dezembro de 2010, às 10h40.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Programa de pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local –
POSMEX

Professora: Maria Salett Tauk Santos

Mestranda: Nataly de Queiroz Lima

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM JOVENS DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

1º Bloco: Identificação

1.1. Nome:

1.2. Sexo: () M () F

1.3. Idade: _____

1.4. Profissão remunerada principal:

1.5. Desenvolve outra atividade remunerada? Se sim,
qual?: _____

1.6.

Endereço: _____

1.7. Escolaridade:

() Fund. Incompleto () Fund. Completo () Médio Incompleto

() Médio Completo () Superior Incompleto () Superior Completo

1.8. Meios que costuma utilizar:

() Celular () Telefone residencial () MP3 ou Ipod () Computador ()

Câmera fotográfica

() Outros

materiais: _____

1.9. De onde costuma utilizá-
los? _____

1.10. Quais destes meios possui em
casa? _____

1.11. Há quanto tempo desenvolve atividades na Fundação Casa Grande? Quais
foram estas
atividades? _____

2º Bloco: O conhecimento das propostas e funcionamento da Fundação Casa Grande e da Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa

- 2.1. Você conhece a Fundação Casa Grande? O que ela faz?
- 2.2. Como se deu sua aproximação com a Fundação Casa Grande?
- 2.3. Você conhece a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa? Se sim, o que ela faz?
- 2.4. Você participa desta Rede? Se sim, o que você faz na Rede?
- 2.5. Como é para você fazer parte de uma rede internacional integrada por jovens de uma cultura diferente da sua?

3º Bloco: Percepções e aprendizagens dos jovens advindas da participação na Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa

- 3.1. Você aprendeu algo no intercâmbio com estes jovens? Se sim, o quê?
- 3.2. No trabalho com rádio, você utiliza algo que aprendeu na rede?
- 3.3. Como era a sua vida antes de participar da rede? Algo mudou depois desta participação? Se sim, o quê?
- 3.4. Quando e de qual lugar se comunicava com os outros jovens?
- 3.5. Você usa mídias sociais no seu cotidiano? Quais?
- 3.6. Você acha que foi importante para a sua vida participar da Rede? Por quê?
- 3.7. Houve dificuldades de comunicação com os jovens de outros países? Se sim, quais?
- 3.8. A cultura destes jovens é muito diferente da sua? Quais são os pontos em comum e os diferentes?
- 3.9. O uso de veículos de comunicação e da Internet foi importante para a Rede?
- 3.10. Para você, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação substitui os contatos presenciais?

4º Bloco: A percepção dos jovens acerca da sua participação no desenvolvimento local de Nova Olinda

- 4.1. Você acha que desenvolve alguma atividade que contribui com a população da cidade? Se sim, qual (ou quais)?
- 4.2. Por que esta atividade que você desenvolve é importante?
- 4.3. Para você, o rádio é importante para a vida das pessoas de Nova Olinda? Por quê?
- 4.4. Qual a importância que você vê nos programas que produz?
- 4.5. Qual a mensagem que você quer passar para as pessoas quando elabora um programa de rádio?
- 4.6. Você acha que a Fundação Casa Grande e a Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa são importantes para Nova Olinda? Se sim, por quê? Se não, por quê?
- 4.7. Desde o início do trabalho com a Rede, você observou mudanças na Fundação Casa Grande e na cidade? Se sim, quais?
- 4.8. Quais os desafios, as maiores dificuldades que encontra no trabalho com jovens de outros países?
- 4.9. Se pudesse, mudaria algo no trabalho que desenvolve na Fundação Casa Grande e, mais especificamente na rádio?
- 4.10. Você tem alguma sugestão para melhorar o trabalho em rede na área de comunicação com jovens de outros países?

APÊNDICE 2

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Programa de pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local –
POSMEX
Professora: Maria Salett Tauk Santos
Mestranda: Nataly de Queiroz Lima

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM O COORDENADOR DA FUNDAÇÃO CASA GRANDE

1º Bloco: Identificação

1.1. Nome: _____

1.2. Formação acadêmica:

1.3. Qual o seu cargo e sua missão na Fundação Casa Grande?

2º Bloco: Sobre a Fundação Casa Grande e sua atuação em redes sociais

2.1. Qual a missão da Fundação Casa Grande?

2.2. Quais as estratégias de comunicação adotadas na mobilização dos jovens para atraí-los ao projeto?

2.3. Como está estruturada a coordenação da Fundação Casa Grande e das atividades?

2.4. Quais são, atualmente, as principais fontes de renda da organização não governamental?

2.5. Como a Fundação Casa Grande começa a participar de redes sociais?

2.6. Com se deu a aproximação da Rede de Crianças e Adolescentes

Comunicadores de Língua Portuguesa?

2.7. Qual o objetivo desta rede?

2.8. Quais foram as estratégias de comunicação adotadas para mobilizar os jovens de três países em rede?

2.9. Quais foram os resultados/impactos observados a partir da participação nesta rede para:

1. Os jovens de Nova Olinda envolvidos diretamente com a proposta.
2. A Fundação Casa Grande

3. Para a cidade de Nova Olinda

3º Bloco: Sobre as estratégias de comunicação para o desenvolvimento local coordenadas pela Fundação Casa Grande

3.1. Qual a importância da comunicação nas intervenções da Fundação Casa Grande?

3.2. Quais são as estratégias de comunicação desenvolvidas pela Fundação em Nova Olinda?

3.3. Como são desenvolvidas as estratégias de comunicação da Fundação Casa Grande?

3.4. Qual o objetivo das estratégias de comunicação desenvolvidas pela ONG?

3.5. Qual o impacto destas estratégias na vida dos jovens e na cidade de Nova Olinda?

ANEXOS

ANEXO 1

FICHA BIOGRÁFICA DOS JOVENS DE NOVA OLINDA PARTICIPANTES DAS ENTREVISTAS

NOME	IDADE	SEXO	OCUPAÇÃO
J.A.	17 anos	Masculino	Estudante e coordenador do laboratório de informática e Editora Casa Grande
V.M.	19 anos	Feminino	Estudante e diagramadora
H.F.	23 anos	Masculino	Estudante e coordenador do laboratório de vídeo da Fundação Casa Grande
A.L.	23 anos	Masculino	Estudante e coordenador da Rádio Casa Grande FM
A.S.	25 anos	Masculino	Apresentador da Rádio Casa Grande FM
S.S.	26 anos	Masculino	Produtor cultural e coordenador da Banda da Fundação Casa Grande